

Universidades Lusíada

Coelho, Joana Sequeira Gomes, 2000-

Comportamentos de risco, vinculação e dinâmica familiar na adolescência

<http://hdl.handle.net/11067/8292>

Metadados

Data de Publicação

2025

Resumo

Os comportamentos de risco são frequentes durante a adolescência e podem ser agravados quando há desequilíbrio familiar. O divórcio dos pais é uma situação desencadeadora de sentimentos de raiva e confusão no adolescente, o que, por sua vez, pode levar à prática dos referidos comportamentos de risco. Torna-se importante perceber o impacto que estes acontecimentos têm nos adolescentes de forma a compreender os fatores de risco e desenvolver intervenções apropriadas para apoiar os adolescentes nes...

Risk behaviors are common during adolescence and may be worsened when there is family instability. Parental divorce often triggers feelings of anger and confusion in adolescents, which could, in turn, lead to engagement in such risk behaviors. It is therefore important to understand the impact these events have on adolescents to identify risk factors and develop appropriate interventions to support them during this challenging family transition, promoting secure attachment and communication. In...

Palavras Chave

Jovens - Uso de substâncias, Comportamento de risco (Psicologia) na juventude, Jovens - Relações com a família, Pais e jovens, Comportamento de vinculação

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T23:03:02Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Mestrado em Psicologia Clínica

**Comportamentos de risco, vinculação e
dinâmica familiar na adolescência**

Realizado por:
Joana Sequeira Gomes Coelho

Orientado por:
Professora Doutora Joana Martins Gonçalves Lopes

Constituição do Júri:

Presidente:	Professora Doutora Túlia Rute Maia Cabrita
Orientadora:	Professora Doutora Joana Martins Gonçalves Lopes
Arguente:	Professor Doutor António Martins Fernandes Rebelo

Dissertação aprovada em: 03 de novembro de 2025

Lisboa

2025



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

I N S T I T U T O D E P S I C O L O G I A E C I Ê N C I A S D A E D U C A Ç ã O

Mestrado em Psicologia Clínica

Comportamentos de risco, vinculação e dinâmica familiar na adolescência

Joana Sequeira Gomes Coelho

Lisboa

Julho 2025



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

I N S T I T U T O D E P S I C O L O G I A E C I Ê N C I A S D A E D U C A Ç ã O

Mestrado em Psicologia Clínica

Comportamentos de risco, vinculação e dinâmica familiar na adolescência

Joana Sequeira Gomes Coelho

Lisboa

Julho 2025

Joana Sequeira Gomes Coelho

Comportamentos de risco, vinculação e dinâmica familiar na adolescência

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências
da Educação da Universidade Lusíada para a obtenção do
grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Professora Doutora Joana Martins Gonçalves
Lopes

Lisboa

Julho 2025

FICHA TÉCNICA

Autora Joana Sequeira Gomes Coelho
Orientadora Professora Doutora Joana Martins Gonçalves Lopes
Título Comportamentos de risco, vinculação e dinâmica familiar na adolescência
Local Lisboa
Ano 2025

CASA DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

COELHO, Joana Sequeira Gomes, 2000-

Comportamentos de risco, vinculação e dinâmica familiar na adolescência / Joana Sequeira Gomes Coelho ; orientado por Joana Martins Gonçalves Lopes. - Lisboa : [s.n.], 2025. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada.

I - LOPES, Joana Martins Gonçalves, 1984-

LCSH

1. Jovens - Uso de substâncias
2. Comportamento de risco (Psicologia) na juventude
3. Adolescentes - Relações com a família
4. Pais e adolescentes
5. Comportamento de vinculação
6. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
7. Teses - Portugal - Lisboa

1. Youth - Substance abuse
2. Risk-taking (Psychology) in adolescence
3. Teenagers - Family relationships
4. Parent and teenager
5. Attachment behavior
6. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations
7. Dissertations, academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HV4999.Y68 C64 2025

AVISO LEGAL

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A presente dissertação marca o fim de uma etapa desafiante, mas profundamente enriquecedora, que não teria sido possível sem o apoio de várias pessoas, a quem quero expressar a minha sincera gratidão.

Agradeço primeiramente à minha orientadora Professora Doutora Joana Lopes, pela sua exigência e confiança, que me guiaram com sabedoria, equilíbrio e encorajamento, mesmo nos momentos de maior dúvida.

Também às minhas orientadoras de estágio que me deram bastantes conhecimentos para realizar esta tese da melhor forma, e promoveram o tema diariamente dando-me ferramentas para completar esta dissertação.

À minha família, em especial aos meus pais e avós, o meu eterno agradecimento pelo amor incondicional, por acreditarem sempre em mim e por me apoiarem ao longo destes anos para conseguir concluir este curso de forma positiva.

Aos meus amigos e colegas de mestrado, pelo companheirismo, partilhas, pelas conversas e risadas que tantas vezes aliviaram o peso da reta final.

A todos os que, de forma direta ou indireta, contribuíram para este trabalho, o meu mais sincero obrigado.

*"A ligação segura entre pais e filhos não os prende,
é ela que lhes dá asas."*

Daniel J. Siegel

Resumo

Os comportamentos de risco são frequentes durante a adolescência e podem ser agravados quando há desequilíbrio familiar. O divórcio dos pais é uma situação desencadeadora de sentimentos de raiva e confusão no adolescente, o que, por sua vez, pode levar à prática dos referidos comportamentos de risco. Torna-se importante perceber o impacto que estes acontecimentos têm nos adolescentes de forma a compreender os fatores de risco e desenvolver intervenções apropriadas para apoiar os adolescentes nessa transição familiar desafiadora, promovendo uma vinculação e comunicação seguras.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo geral comparar a propensão ao consumo de substâncias, em adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos, provenientes de famílias divorciadas e de famílias intactas (i.e., famílias nucleares tradicionais). Neste estudo participaram 103 adolescentes (45 do sexo masculino e 58 do sexo feminino). O plano metodológico incluiu a administração de cinco instrumentos: (1) Questionário Socio-Demográfico; (2) *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* (Score-15); (3) o Questionário de vinculação ao pai e a mãe; (4) a Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade; e (5) o *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test*. Os resultados obtidos sugerem que, contrariamente ao que tem sido apontado por parte da literatura, a estrutura familiar - quer se trate de uma família intacta ou divorciada - não influencia de forma significativa os níveis de consumo de substâncias por parte dos jovens. Do mesmo modo, o facto de os pais consumirem substâncias não parece, neste estudo, exercer um impacto direto no comportamento dos filhos. Estes dados indicam que o consumo na adolescência poderá estar mais relacionado com fatores individuais e contextuais, do que com padrões familiares tradicionais ou comportamentos parentais isolados, desafiando assim algumas das premissas clássicas sobre a transmissão intergeracional do risco.

Palavras-chave: Consumo de substâncias; Adolescência; Dinâmica Familiar; Vinculação; Comunicação.

Abstract

Risk behaviors are common during adolescence and may be worsened when there is family instability. Parental divorce often triggers feelings of anger and confusion in adolescents, which could, in turn, lead to engagement in such risk behaviors. It is therefore important to understand the impact these events have on adolescents to identify risk factors and develop appropriate interventions to support them during this challenging family transition, promoting secure attachment and communication.

In this context, the main objective of this study is to compare the propensity for substance use among adolescents aged between 12 and 15 years from divorced families and entire families (i.e., traditional nuclear families). The study involved 103 adolescents (45 male and 58 female). The methodological design included the administration of five instruments: (1) a Socio-Demographic Questionnaire; (2) the Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15); (3) the Father and Mother Attachment Questionnaire; (4) the Parenting Communication Assessment Scale; and (5) the Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test.

The results suggest that contrary to what has been reported in the literature, family structure—whether entire or divorced—does not significantly influence adolescents' levels of substance use. Similarly, parental substance use does not appear, in this study, to have a direct impact on children's behavior. These findings indicate that adolescent substance use may be more closely related to individual and contextual factors than to traditional family structures or isolated parental behaviors, therefore challenging some of the classical assumptions about the intergenerational transmission of risk.

Keywords: Substance use; Adolescence; Family Structure; Attachment; Communication.

Lista de Tabelas

Tabela 1 Caraterização da amostra	33
Tabela 2 Medidas descritivas da idade dos participantes	43
Tabela 3 Medidas descritivas do acompanhamento psicológico dos participantes	44
Tabela 4 Medidas descritivas da escolaridade dos participantes	45
Tabela 5 Medidas descritivas do tipo de família e guarda parental	45
Tabela 6 Medidas descritivas do consumo parental	46
Tabela 7 Medidas descritivas sobre com quem os participantes passam mais tempo	47
Tabela 8 Consumo parental	47
Tabela 9 Relação entre consumo dos pais e dos filhos	48
Tabela 10 Teste t para amostras independentes- COMPA Pai- Confiança	50
Tabela 11 Teste t para amostras independentes- COMPA Pai- Afeto e apoio Emocional	51
Tabela 12 Teste t para amostras independentes- COMPA Pai- Metacomunicação	52
Tabela 13 Teste t para amostras independentes- COMPA Pai- Comunicação negativa	53
Tabela 14 Teste t para amostras independentes- COMPA Mãe- Comunicação	54
Tabela 15 Teste t para amostras independentes- COMPA Mãe- Confiança	55
Tabela 16 Teste t para amostras independentes- COMPA Mãe- Afeto e apoio emocional	56
Tabela 17 Teste t para amostras independentes- COMPA Mãe- Metacomunicação	57
Tabela 18 Teste t para amostras independentes- COMPA Mãe- Comunicação negativa	58
Tabela 19 Teste t para amostras independentes- QVPM Pai- Inibição da exploração e individualidade	59
Tabela 20 Teste t para amostras independentes- QVPM Pai- Ansiedade de separação	60

Tabela 21 Teste t para amostras independentes- QVPM Pai- Qualidade do laço emocional	61
Tabela 22 Teste t para amostras independentes- QVPM Mãe- Inibição da exploração e individualidade	62
Tabela 23 Teste t para amostras independentes- QVPM Mãe- Ansiedade de separação	63
Tabela 24 Teste t para amostras independentes- QVPM Mãe- Qualidade do laço emocional	64
Tabela 25 Teste t para amostras independentes- ASSIST	65
Tabela 26 Teste t para amostras independentes- Score-15	66
Tabela 27 Medidas de Ajustamento do Modelo- Vinculação e níveis de consumo	67
Tabela 28 Coeficientes do Modelo- Total ASSIST	67
Tabela 29 Medidas de Ajustamento do Modelo- Comunicação e níveis de consumo	68
Tabela 30 Coeficientes do Modelo- Total ASSIST	69
Tabela 31 Medidas de Ajustamento do Modelo- Vinculação e níveis de consumo	70
Tabela 32 Coeficientes do Modelo- Total ASSIST	71
Tabela 33 Medidas de Ajustamento do Modelo- Comunicação e níveis de consumo	72
Tabela 34 Coeficientes do Modelo- Total ASSIST	72

Lista de Abreviaturas

ACEs- Experiências Adversas

AS- Ansiedade de Separação

ASSIST- *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test*

CF- Comunicação na família

COMPA- Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade

DF- Dificuldades familiares

DP – Desvio-padrão

e.g. – *Exempli gratia*, por exemplo

IEI- Inibição da Exploração e Individualidade

M – Média

Min-Max – Mínimo-Máximo

OMS- Organização Mundial da Saúde

QLE- Qualidade do laço emocional

RF- Recursos familiares

QVPM- Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe

SCORE-15- *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation*

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. Adolescência	3
2. Vinculação	4
3. O Papel da família	8
4. Importância da comunicação na família	12
5. Tipologias familiares	15
6. Tipos de conflitos conjugais e seu impacto	17
7. Parentalidade, conjugalidade e coparentalidade	18
8. Divórcio	21
9. Comportamentos de risco e o consumo de drogas na adolescência	26
CAPÍTULO II: ESTUDO EMPÍRICO	30
1. Objetivos e questão de investigação	30
2. Método	32
2.1. Participantes	32
2.2. Instrumentos de avaliação	35
2.2.1. Questionário Sociodemográfico	35
2.2.2. Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (Score-15)	35
2.2.3. Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe	37
2.2.4. Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade	38
2.2.5. Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST)	39
2.3. Procedimento e tratamento estatístico dos dados	41
3. Resultados	43

3.1. Resultados descritivos	43
3.2. Relação entre o consumo dos pais e dos filhos	47
3.3. Diferença entre o tipo de família e a comunicação com o pai	49
3.4. Diferença entre o tipo de família e a comunicação com a mãe	54
3.5. Diferença entre o tipo de família e a vinculação com o pai	59
3.6. Diferença entre o tipo de família e a vinculação com a mãe	62
3.7. Diferença entre o tipo de família e os níveis de consumo	65
3.8. Diferença entre o tipo de família e a forma como os adolescentes descrevem a família	66
3.9. Impacto da vinculação ao pai nos níveis de consumo	67
3.10. Impacto da comunicação com o pai nos níveis de consumo	68
3.11. Impacto da vinculação a mãe nos níveis de consumo	70
3.12. Impacto da comunicação com a mãe nos níveis de consumo	72
3.13. Relacionar se os níveis de consumo dos filhos variam consoante o consumo, ou a ausência dele, por parte dos pais	73
4. Discussão	75
5. Conclusão	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
APÊNDICES	99
Apêndice A. Informação ao participante e aos pais	99
Apêndice B. Consentimento informado aos responsáveis legais	101
Apêndice C. Consentimento informado para os alunos	103
Apêndice D. Questionário sociodemográfico	105
ANEXOS	
Anexo A. Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (Score-15)	112

Anexo B. Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe (QVPM)	114
Anexo C. Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA)	116
Anexo D. Assist	120
Anexo E. Cópia do pedido de autorização para a utilização dos instrumentos	122
Anexo F. Autorização comissão de ética	123

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de profundas transformações físicas, emocionais e sociais, sendo um período crucial para o desenvolvimento da identidade e autonomia do indivíduo. Neste contexto, a família desempenha um papel crucial na formação das relações afetivas e padrões comunicacionais, influenciando diretamente o bem-estar e as decisões dos jovens (Ruiz & Yabut, 2024). Nesta faixa etária, as pessoas estão mais suscetíveis ao consumo de substâncias ilícitas, dada a forte inclinação para novos desafios, a curiosidade e vontade de viver novas experiências, suscetibilidade à pressão dos colegas, rebeldia e baixa autoestima (Dworkin, 2005). Nestes momentos, o papel da família torna-se crucial, tal como a comunicação e a vinculação entre os membros da família.

Neste sentido, compreender a dinâmica familiar é essencial não só para entender as gerações passadas, mas também para analisar as características da estrutura familiar atual (Falcke & Wagner, 2005). Assim, podemos perceber que os valores e crenças familiares, transmitidos de pais para filhos, são parte integrante da estrutura do núcleo familiar. Além disso, os pais e as mães atuam como modelos de espelhamento e identificação para os filhos, influenciando a forma como estes desenvolvem a sua própria identidade.

Com base na evidência científica apresentada, foi desenvolvido o presente estudo, no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Lusíada de Lisboa. O objetivo geral deste trabalho consiste em comparar a propensão ao consumo de substâncias, em adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos, provenientes de famílias divorciadas e de famílias intactas. Mais especificamente, pretende-se explorar: (i) o impacto da dinâmica familiar na propensão a este tipo de comportamento; (ii) se existem diferenças entre o tipo de família e a comunicação; (iii) se existem diferenças entre o tipo de família e a vinculação; (iv) se existem diferenças entre o tipo de família e a perceção que o adolescente tem em relação à

família; (v) relacionar o consumo de substâncias pelos pais e o pelos filhos; e (vi) o impacto da vinculação e da comunicação nos níveis de consumo.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Diante disso, esta revisão de literatura tem como objetivo explorar a influência da estrutura familiar, da vinculação e dos modelos parentais no comportamento dos adolescentes, especialmente no que se refere a comportamentos de risco, como o uso de substâncias. Serão abordados temas como a importância da vinculação, os diferentes tipos de dinâmica familiar, a comunicação entre os membros da família e os impactos dos conflitos conjugais e do divórcio na adolescência.

1. Adolescência

A adolescência é amplamente reconhecida como um período de transição entre a infância e a vida adulta marcada por importantes desenvolvimentos físicos, mentais, emocionais, sexuais e sociais (Mastorci et al., 2024). Este processo de desenvolvimento tem início com as alterações corporais da puberdade e é considerado concluído quando o jovem atinge o crescimento físico, consolida a sua personalidade, conquista alguma independência económica e se integra num grupo social com o qual se identifica (Aberastury, 2011).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência ocorre entre os 10 e os 19 anos, 11 meses e 31 dias, estando dividida em duas fases distintas: a fase inicial, que ocorre entre os 10 e os 14 anos, e é marcada sobretudo por rápidas mudanças físicas e pelo início da maturação sexual; e a fase final, que ocorre dos 15 aos 19 anos, caracterizada pela consolidação da identidade, pelo aumento da autonomia e pelo aprofundamento das relações sociais e afetivas (OMS, 2014).

A adolescência, enquanto fase de transição entre a infância e a vida adulta, não é apenas definida pelas transformações físicas e emocionais previamente referidas, mas também pelas experiências vividas ao longo da infância. De facto, as adversidades enfrentadas durante a infância, conhecidas como experiências adversas (ACEs), podem ter um impacto significativo

nesta fase de desenvolvimento bem como a longo-prazo. As ACEs influenciam a forma como os adolescentes lidam com os desafios do cotidiano, moldando o seu comportamento, a sua capacidade de adaptação e a forma como percebem o contexto social e as expectativas associadas a ele (Moreira et al., 2011). Embora o impacto dessas experiências seja sentido de forma diferente por cada jovem, o ambiente familiar e social durante a infância pode afetar profundamente o processo de construção da identidade e de aquisição de autonomia durante a adolescência (Prioste et al., 2019).

Assim, dada a complexidade desta fase de vida, trata-se de um período de vulnerabilidade para o desenvolvimento de problemas relacionados com a saúde mental (Moreira et al., 2011).

2. Vinculação

A vinculação define-se como, uma disposição inata, biológica, do ser humano para criar laços afetivos com as figuras significativas, geralmente, os pais. Idealmente estas figuras de vinculação devem ser simultaneamente uma “*base segura*” que promove a autonomia do bebé e simultaneamente o “*porto de abrigo*” ao qual o bebé regressa, para encontrar conforto e segurança, quando nas suas “*explorações*” e na procura dessa autonomia, se depara com algum perigo ou ameaça. É a partir das relações de vinculação que o bebé e, mais tarde, a criança, verá asseguradas/satisfeitas as suas necessidades básicas. Todavia, estas necessidades não são só a nível físico, mas também a nível emocional, sendo estas últimas particularmente importantes para o amadurecimento ao longo de todo o seu desenvolvimento (Bowlby, 1988). As figuras de vinculação que promovem segurança, suporte e responsividade para com as crianças, promovem o desenvolvimento de relações de vinculação consideradas seguras (Ainsworth, 1967).

Desde o nascimento que o ser humano procura a relação com o outro, de forma a satisfazer as suas necessidades, promovendo assim um desenvolvimento saudável (Bowlby, 1988; Hazan & Shaver, 1994). Toda a relação estabelecida entre a mãe e o bebé nos primeiros meses de vida vai ter influência em todo o seu desenvolvimento (Canavarro, 1999). Embora a vinculação se mantenha ao longo de toda a vida, os comportamentos associados a essa relação vão evoluindo com o tempo (Bowlby, 1988; George & Solomon, 2008). Em momentos de perigo ou desafio as pessoas têm tendência a procurar o cuidador ao qual se mantêm vinculados, com o objetivo de receber conforto e segurança (Bowlby, 1988; Weinfield et al., 2008).

Embora, a construção da vinculação comece na primeira infância, em contexto familiar, é durante a adolescência que esse processo se expande de forma significativa. Nesta fase, os jovens que experienciam um maior grau de autonomia, apresentam mais comportamentos exploratórios e conseguem com mais facilidade afirmar a sua identidade de forma independente. Desta forma, a formação de novos vínculos aumenta substancialmente, especialmente com os pares, pelo que a necessidade do estabelecimento de um vínculo continua a ser uma parte essencial do desenvolvimento nesta fase da vida (Jongenelen et al., 2007; Soares, 1996; Steinberg, 2001). Inclusive a qualidade das relações de vinculação durante a adolescência pode influenciar a forma como os jovens enfrentam os desafios desta etapa, como a pressão social, os conflitos de identidade e os comportamentos de risco (Steinberg, 2001).

Denote-se que é efetivamente na adolescência que os indivíduos se começam a tornar mais independentes, mas as relações significativas previamente estabelecidas continuam a ser importantes no seu desenvolvimento (Prioste et al., 2019). Assim, torna-se crucial que a qualidade da vinculação com as figuras de vinculação, nomeadamente os pais, permaneça sólido, uma vez que existe uma associação positiva entre a vinculação segura e o processo de autonomia psicológica na adolescência. Em momentos de angústia, tristeza ou situações adversas, a segurança oferecida pelas figuras de vinculação torna-se essencial, funcionando

como um "porto de abrigo" que proporciona estabilidade emocional (Outeiral, 2008). Apesar de a adolescência ser uma fase complexa, caracterizada pela procura de autonomia e independência em relação às figuras parentais, a necessidade de apoio dessas mesmas figuras continua a ser evidente. A aproximação à base segura — a família — é crucial para receber apoio e proteção (Fleming, 2005; Matos & Costa, 1996). Embora, nesta fase, se observe um afastamento das figuras parentais, importante para a maturação psicológica e emocional do adolescente, a vinculação construída ao longo dos anos permanece ativa (Teixeira, 2020). O adolescente continua a explorar o mundo de forma autónoma, mantendo, no entanto, a segurança de saber que os pais estão disponíveis caso necessite de auxílio (Allen & Land, 1999; Freeman & Brown, 2001; Nickerson & Nagle, 2005).

Essas relações de vinculação proporcionam aos adolescentes um bem-estar emocional importante, sendo fundamentais para o desenvolvimento da sua identidade e para a formação das suas representações de si e do outro. Por outro lado, relações de vinculação inseguras podem originar diversos problemas comportamentais e emocionais, comprometendo o desenvolvimento saudável do adolescente (Claes et al., 2005; Machado, 2004; Soares, 2000).

A existência de uma vinculação segura aos pais na adolescência contribui de forma significativa para a redução da propensão para problemas de comportamento, menor agressividade e maior probabilidade de adoção de um comportamento adaptativo e pró-social. A qualidade da vinculação com os pais influencia diversos aspetos intimamente ligados ao equilíbrio do adolescente, sendo que uma vinculação positiva está associada a uma maior autoestima, uma maior satisfação com a vida, um melhor ajustamento escolar, maior suporte social e menor nível de stress, todos fatores essenciais para a saúde mental e emocional durante a adolescência (Laible et al., 2000).

No entanto, a dinâmica da vinculação parental tende a mudar ao longo da adolescência. À medida que os adolescentes se tornam mais autónomos, a qualidade das relações com os pais

pode sofrer uma degradação. Este processo de afastamento e transformação das relações de vinculação é um reflexo natural da procura pela independência, mas pode gerar mudanças significativas no equilíbrio emocional do jovem (Buist et al., 2002; Dekovic et al., 2004).

Contudo, apesar da diminuição da dependência emocional dos pais, os adolescentes continuam a manter laços significativos com estas figuras de vinculação. Essa transição entre uma relação de maior dependência e o desenvolvimento da autonomia não implica que os pais deixem de ser uma base segura para os filhos. Pelo contrário, os pais continuam a desempenhar um papel essencial, fornecendo apoio emocional e segurança, mesmo que a relação se torne mais distanciada em termos de proximidade física e/ou emocional (Jongenelen et al., 2007).

Esse distanciamento da figura parental, por um lado, facilita o processo de autonomização, ao permitir que o adolescente explore o mundo de forma mais independente e desenvolva as suas próprias competências sociais e emocionais. No entanto, por outro lado, pode também resultar num aumento do stress e da vulnerabilidade, quando a qualidade da vinculação inicial não é suficientemente segura para proporcionar o suporte emocional necessário (Buist et al., 2002).

Este fenómeno de transição também se reflete noutras áreas do desenvolvimento adolescente, como as relações interpessoais, o desempenho académico e o processo de socialização (referência). Quando a relação com os pais permanece sólida, ainda que distante, o adolescente tende a apresentar maior resiliência, adaptando-se melhor às mudanças e desafios desta fase da vida (referência). A qualidade da vinculação parental, portanto, continua a ser um dos pilares mais importantes na formação de um adulto emocionalmente equilibrado e capaz de lidar com as complexidades e adversidades da vida adulta (Terrone et al., 2018).

3. O Papel da família

O conceito de família, no domínio científico da Psicologia, é frequentemente entendido como um grupo de indivíduos que vivem numa estrutura hierárquica, baseada em vínculos afetivos duradouros. Este grupo pode ser composto por pessoas que escolhem conviver por motivos afetivos, envolvendo não apenas adultos, mas também crianças, adolescentes e outros membros.

A literatura psicológica demonstra que a família desempenha um papel crucial na saúde e no bem-estar dos seus membros, influenciando-os por meio de diversos processos, como a resolução de conflitos, o apoio emocional e o fortalecimento de laços afetivos (Brandão et al., 2022; Fletcher et al., 1999). Portanto, a relação familiar, promove nos seus membros a responsabilidade pela manutenção da saúde uns dos outros (Carnut & Faquim, 2014).

A família, enquanto unidade fundamental no desenvolvimento do ser humano, desempenha um papel essencial na construção da identidade e no desenvolvimento da personalidade dos jovens. Desde os primeiros anos de vida, os adolescentes começam a formar as suas perceções sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor, e essa construção é fortemente influenciada pelas interações e experiências vivenciadas no contexto familiar. As interações familiares, como a comunicação verbal e não verbal, os valores transmitidos e os modelos de comportamento, têm um impacto profundo na maneira como o jovem se percebe, no desenvolvimento das suas capacidades emocionais e cognitivas, bem como na forma como ele interage com os outros fora do núcleo familiar (Fletcher et al., 1999).

A família é, portanto, o primeiro espaço onde o indivíduo experiêcia as suas primeiras relações interpessoais. As primeiras formas de comunicação, como o toque, o olhar, a imitação e as expressões emocionais, são fundamentais para o desenvolvimento da confiança e do vínculo afetivo, com base nas relações com os pais ou cuidadores. Estas experiências iniciais de vinculação afetam diretamente a forma como o jovem irá formar e manter relacionamentos

em fases posteriores da vida, incluindo amizades e relacionamentos amorosos. A teoria da vinculação de Bowlby (1988) previamente referida destaca a importância dessas relações significativas iniciais para a formação de uma base segura, a partir da qual o bebê, a criança e, mais tarde, os jovens desenvolvem uma percepção positiva de si e dos outros, contribuindo para que possam explorar o mundo de maneira mais segura e confiante.

As relações afetivas dentro da família também servem como modelo para as relações interpessoais fora do seio familiar. O padrão de vinculação formado na infância e adolescência influencia a forma como o indivíduo estabelecerá relações com os seus pares e outros membros da sociedade. As crianças e adolescentes que têm uma vinculação segura com as figuras significativas são mais propensas a desenvolver uma maior capacidade de empatia, habilidades de comunicação eficazes e um comportamento pró-social, enquanto aqueles com uma vinculação insegura podem enfrentar dificuldades na regulação emocional e no estabelecimento de relações interpessoais saudáveis (Terrone et al., 2018).

Neste sentido, a Teoria Familiar Sistêmica entende que a compreensão do ser humano deve envolver o contexto das suas relações e que o indivíduo se desenvolve em interação com o contexto, sendo essas interações diádicas e transacionais. De acordo com esta teoria, as famílias são consideradas sistemas vivos, funcionando como um conjunto integrado, inseparável e interdependente. Assim, não existem relações unidirecionais entre os seus membros uma vez que as partes de um sistema estão tão interligadas que uma alteração em qualquer uma delas desencadeia mudanças nas restantes e, por conseguinte, em todo o sistema. Assim, o foco do problema deixa de ser o indivíduo e passa a ser o sistema familiar como um todo. Contudo, cada membro da família é visto como uma parte interligada de um sistema mais amplo, onde todos os indivíduos contribuem para a criação dos processos e padrões que determinam o comportamento da família. Por isso, analisar indivíduos ou interações isoladas,

como a relação entre mãe e filho, fora do seu contexto familiar, pode levar a conclusões fragmentadas e imprecisas (Minuchin, 1985).

Embora a crescente diversidade das estruturas familiares, resultado do aumento das separações e recomposições conjugais, seja uma característica do contexto contemporâneo, ainda persiste na sociedade uma forte associação entre a noção de família e o modelo tradicional, em que a mãe é vista como a principal cuidadora dos filhos e o pai como o responsável pelo sustento financeiro da família (Guerreiro, 2008; Narvaz & Koller, 2006). A identidade de cada indivíduo está então inevitavelmente ligada à estrutura familiar à qual pertence, sendo moldada pelo legado transmitido de geração em geração. Este legado abrange valores, crenças e normas, um fenómeno conhecido como transgeracionalidade.

Neste sentido, compreender a dinâmica familiar é essencial não só para entender as gerações passadas, mas também para analisar as características da estrutura familiar atual (Falcke & Wagner, 2005). Assim, podemos perceber que os valores e crenças familiares, transmitidos de pais para filhos, são parte integrante da estrutura do núcleo familiar. Além disso, os pais e as mães atuam como modelos de espelhamento e identificação para os filhos, influenciando a forma como estes desenvolvem a sua própria identidade.

Apesar de nas famílias nucleares, compostas por pai, mãe e filhos, se observarem mudanças na forma como a parentalidade é exercida, as novas configurações familiares refletem uma transformação nos papéis sociais, tanto de homens quanto de mulheres (Ramires, 2014). Desta forma, é possível afirmar que cada família é única, combinando padrões de maneira distinta, com variações que dependem de diversos aspetos como a localização geográfica e socio-culturais. Por este motivo, a presença de vínculos familiares sólidos é fundamental para o desenvolvimento saudável da criança, tanto a nível físico quanto psicológico. Quando esses vínculos estão ausentes ou são frágeis, o processo de socialização e aprendizagem da criança pode ser prejudicado, resultando em lacunas que favorecem o

surgimento de comportamentos antissociais e agressivos. Esses fatores dificultam a capacidade da criança de interagir de forma adequada e adaptativa com o mundo exterior (Alarcão, 2006).

Relativamente à educação no seio familiar, os progenitores tendem a esforçar-se para transmitir aos filhos uma base de valores que favoreça o seu desenvolvimento social. Nesse sentido, enquanto alguns pais optam por reproduzir os métodos que lhes foram ensinados, outros tentam evitar os padrões educativos que receberam na sua família de origem, com o objetivo de não repetir os erros que identificaram na sua própria educação (Wagner et al., 2005). Contudo, é comum que muitas das experiências vividas na família de origem sejam repetidas na família atual, mesmo quando as expectativas eram diferentes (Wagner & Falcke, 2005). Isso acontece porque a transmissão de valores não se trata de um processo simples de causa e efeito, mas sim de um fenómeno inserido num contexto complexo, onde várias variáveis se interligam e se influenciam mutuamente (Wagner et al., 2005).

Diversos estudos experimentais evidenciam a influência significativa da qualidade das relações afetivas familiares no desenvolvimento de comportamentos antissociais em crianças e adolescentes. Por exemplo, um estudo desenvolvido por Silvestre (2019) procurou investigar a relação entre a qualidade da vinculação aos pais e aos pares, memórias de vergonha e comportamentos antissociais na adolescência. Os resultados obtidos revelam que, para esses jovens, as memórias associadas à emoção de vergonha e a incapacidade para lidar com emoções de forma eficaz, combinados com a ausência de uma vinculação segura com as figuras significativas, são fatores cruciais que aumentam a probabilidade de adoção de comportamentos problemáticos pelos jovens. Sem o apoio emocional necessário, estes adolescentes podem adotar comportamentos agressivos ou rejeitar normas sociais como uma estratégia para lidar com as suas inseguranças emocionais.

Desta forma, Silvestre (2019) confirma a importância dos vínculos afetivos seguros na infância, tal como proposto por Bowlby (1988). A falta desse suporte familiar afeta o

desenvolvimento emocional e social da criança e, mais tarde, do jovem, dificultando a sua capacidade para estabelecer relações saudáveis.

Na mesma esteira, o estudo de Diogo (2014) analisou a relação entre a vinculação aos pais e a ocorrência de problemas de comportamento em crianças com idades entre os 9 e os 12 anos. Os resultados indicaram que padrões de vinculação inseguros estão fortemente correlacionados com comportamentos internalizantes (e.g., ansiedade e depressão) bem como externalizantes (e.g., agressividade e desobediência). O investigador - Diogo (2014) - sugere que a qualidade da vinculação parental desempenha um papel crucial na regulação emocional das crianças, e que a inexistência de um vínculo seguro pode resultar em dificuldades comportamentais significativas, prejudicando a adaptação social e emocional das crianças.

Adicionalmente, um estudo recente, desenvolvido por Cabecinha (2023), investigou o impacto das práticas parentais no comportamento antissocial na adolescência. O estudo identificou que perceções de práticas parentais negativas, como a falta de consistência na disciplina e a negligência emocional, estão fortemente associadas a comportamentos desviantes em adolescentes. Cabecinha (2023) conclui que a forma como os pais interagem com os seus filhos, especialmente em termos de apoio emocional e orientação, tem um papel crucial na prevenção de comportamentos problemáticos, sugerindo que a adoção de práticas parentais mais adaptativas pode ser uma estratégia eficaz para reduzir a ocorrência de comportamentos antissociais na adolescência.

4. Importância da comunicação na família

As interações humanas, de que as interações familiares são exemplo, exigem a comunicação. Deste modo, o contexto familiar é uma fonte importante de comunicação, onde padrões comunicacionais se estabelecem e tendem a repetir-se, influenciando a qualidade das dinâmicas familiares e influenciando também as comunicações exteriores (Vangelisti, 2004).

Com efeito, os primeiros momentos de interação de um ser humano ocorrem no seio familiar, onde a comunicação, tanto verbal quanto não verbal, é o principal instrumento para transmitir os princípios e valores com os quais os indivíduos se identificam, permitindo-lhes aprender a comunicar e refletir sobre a própria comunicação (Bruner, 1990). Através da comunicação no seio da família são construídos também significados sociais que os indivíduos mantêm depois em interações com outras pessoas e noutros contextos de vida (Vangelisti, 2004).

As interações e comunicações existentes entre pais e filhos têm influência no desenvolvimento dos descendentes, pois os progenitores são o espelho que devolve à criança estratégias para lidar com o mundo exterior. Na primeira fase, ou seja, na infância, a comunicação parento-filial é dirigida ao estabelecimento de regras, limites e cuidado afetivo. Já na fase da idade escolar, as crianças aprendem a comunicar com a escola e grupo de pares, com o objetivo de terem sucesso académico e promoverem a socialização (Alarcão, 2006; Relvas, 1996; Stafford, 2004). Por fim, na adolescência, os membros da família passam por uma longa etapa de relacionamento familiar, que exige reajustamentos e adaptações, fruto dos novos papéis assumidos e das características desafiantes típicas desta fase do desenvolvimento.

Existem diferenças significativas, nesta última fase, na forma como rapazes e raparigas evoluem na sua comunicação com os pais ao longo da adolescência. Para os rapazes, observa-se uma transição de uma comunicação mais aberta na infância para uma fase em que surge um maior “secretismo” e uma resistência em partilhar aspetos da sua vida com os progenitores. No entanto, à medida que se aproximam do final da adolescência, começa a emergir um padrão comunicacional contrastante, com um retorno gradual à abertura comunicacional, onde os rapazes começam a partilhar mais sobre si mesmos com os pais.

No caso das raparigas, embora também passem por uma fase de distanciamento na comunicação, especialmente durante a adolescência precoce, a tendência é para uma maior

continuidade no que diz respeito às características do vínculo emocional, incluindo os estilos comunicacionais, com os pais. As raparigas tendem a manter um diálogo mais frequente e, muitas vezes, com maior “*disclosure*” emocional, com os progenitores, procurando apoio e compreensão, embora possam também ter períodos de maior independência e retraimento em algumas fases do desenvolvimento, incluindo na adolescência (Keijsers & Poulin, 2013).

Com o passar dos anos, os adolescentes, independentemente do género, desenvolvem competências comunicativas mais sofisticadas, o que lhes permite questionar as regras estabelecidas e desafiar os restantes membros da família de uma forma mais assertiva. Esse processo, embora envolva uma maior autonomia, acaba por fortalecer as relações entre pais e filhos, já que a negociação das regras e a construção de um diálogo mais aberto e respeitoso contribuem para o amadurecimento das relações familiares. Assim, à medida que a adolescência avança, a comunicação torna-se uma ferramenta essencial para a construção de uma relação mais equilibrada e baseada em respeito mútuo entre pais e filhos (Allen & Land, 1999; Aquilino, 2006).

Um dos momentos mais críticos na vida de algumas crianças e adolescentes ocorrem durante processos de reestruturação familiar. Nesse sentido, embora seja comum observar uma diminuição do sentimento de proximidade com os progenitores nesse período, o que pode impactar negativamente a relação parental-filial, a manutenção de uma comunicação estável dentro da família pode atenuar esse efeito. Além disso, a capacidade de antecipar a qualidade do relacionamento familiar e adaptar-se a mudanças estruturais – sejam elas naturais, como o nascimento de um filho, ou acidentais, como o divórcio – contribui para um ajuste mais saudável e equilibrado do indivíduo bem como da família (Vangelisti, 2004).

5. Tipologias familiares

A família constitui o primeiro ambiente social que exerce influência direta no bem-estar e no desenvolvimento das crianças e adolescentes (Matos et al., 2015). Atualmente, as tipologias familiares são bastante variadas, refletindo as transformações sociais e culturais que caracterizam a contemporaneidade.

De acordo com os dados mais recentes dos Censos, referentes ao ano de 2021 (Faria, 2023), as famílias monoparentais e reconstituídas representam 27.3% do total de famílias em Portugal, um aumento de 21.5% comparativamente com os dados registados em 2011. As famílias monoparentais, compostas por somente um dos progenitores e filhos, aumentaram 20.7% na última década, sendo que 85.6% destas são compostas por mães com filhos. As famílias reconstituídas, ou seja, famílias oriundas de novos casamentos ou uniões de facto após divórcios ou separações, também cresceram, representando 124.717 núcleos familiares.

Como é possível verificar, a família nuclear, também conhecida como tradicional, continua a ser a mais comum, sendo composta por dois adultos de sexos diferentes e os seus filhos, que podem ser biológicos ou adotados (Dias, 2011). A configuração da família nuclear tem sido historicamente valorizada por representar um modelo de estabilidade e coesão familiar, no qual se pressupõe uma divisão tradicional de papéis parentais: a mãe associada aos cuidados diretos para com as crianças e o pai associado ao sustento económico da família. Esta divisão de papéis, embora ainda presente em muitas famílias, tem sido objeto de debate e reflexão na literatura contemporânea (Cúnico & Arpini, 2013).

Por outro lado, quando um dos progenitores está ausente, a família é classificada como monoparental, sendo constituída por apenas um adulto e os seus filhos (Marinho, 2014). Este tipo de estrutura pode resultar de diversas circunstâncias, como divórcios, viuvez ou escolhas individuais, nomeadamente a maternidade/paternidade a solo, adoções ou o recurso a técnicas de reprodução assistida. Atualmente, devido ao aumento significativo do número de divórcios,

tem-se observado uma maior incidência de famílias monoparentais (Dias, 2011). Após uma separação, é comum que os indivíduos reconstruam as suas vidas, formando novas famílias, conhecidas como famílias recompostas. Estas famílias incluem frequentemente filhos de uniões anteriores, o que pode trazer desafios às relações entre padrastos e/ou madrastas e os/as seus/suas enteados/as (Atalaia, 2015). A convivência entre crianças e adolescentes oriundos de diferentes uniões, associada a diferentes estilos educativos e regras, pode funcionar como um fator de união familiar, mas também pode gerar conflitos e dificuldades de integração (Valentim de Sousa & Dias, 2014).

Outro modelo de estrutura familiar é a união de facto, onde os casais vivem juntos e partilham uma vida em comum sem estarem legalmente casados. Esta forma de convivência, cada vez mais frequente na sociedade contemporânea, representa uma alternativa ao casamento tradicional e reflete mudanças nas atitudes sociais relativamente à constituição familiar (Dias, 2011). Apesar da ausência de um contrato formal de casamento, os casais em união de facto usufruem, em muitos contextos legais, de direitos semelhantes aos dos casais casados, nomeadamente no que respeita à partilha de bens, herança, segurança social e benefícios fiscais, desde que cumpram determinados requisitos legais, como a coabitação durante um período mínimo (Mata et al., 2020).

As famílias homossexuais, compostas por dois adultos do mesmo sexo, com ou sem filhos (Dias, 2011), têm ganho maior visibilidade e reconhecimento social nas últimas décadas. A parentalidade pode ocorrer através de adoção, reprodução assistida ou filhos de relações anteriores. Estudos demonstram que estas famílias apresentam níveis de funcionamento semelhantes aos das famílias heterossexuais em termos de bem-estar das crianças e qualidade das relações (Few-Demo et al., 2016).

A necessidade de uma boa vinculação entre os membros da família é fundamental para o desenvolvimento emocional e psicológico dos indivíduos. Independentemente da tipologia

familiar, uma relação saudável entre pais e filhos favorece o estabelecimento de uma base segura, que facilita o processo de autonomia dos adolescentes e a adaptação a desafios da vida (Bowlby, 1988; Matos et al., 2015). A vinculação segura entre os membros da família fortalece a resiliência, proporciona uma maior capacidade de regulação emocional e reduz os riscos de desenvolvimento de comportamentos antissociais por parte dos adolescentes (Ainsworth, 1989).

6. Tipos de conflitos conjugais e seu impacto

Os conflitos conjugais têm um impacto significativo em todo o sistema familiar, afetando particularmente as interações entre o subsistema conjugal (casal) e o subsistema parental (pais e filhos) (Rinaldi & Howe, 2003). Do ponto de vista das suas consequências para os membros da família, os conflitos conjugais podem ser classificados como construtivos ou destrutivos (Cummings & Davies, 2010; Goeke-Morey et al., 2003).

Conflitos conjugais construtivos caracterizam-se por comportamentos que promovem a resolução de problemas através de estratégias eficazes, como mudanças no foco da conversa para evitar escaladas do conflito, demonstrações de respeito mútuo e percepções positivas mesmo em situações de conflito não resolvido (Cummings & Davies, 2010; Cummings et al., 2016). Quando estes conflitos ocorrem na presença das crianças, os pais podem adotar estratégias construtivas explicando como o problema foi resolvido ou assegurando que os conflitos não representam uma ameaça séria e podem ser geridos. Estas práticas ajudam a criança a desenvolver competências positivas para lidar com conflitos nos seus próprios relacionamentos (Bergman et al., 2016).

Por outro lado, os conflitos destrutivos envolvem comportamentos como agressão verbal, violência física, hostilidade não verbal ou o uso do *“tratamento silencioso”*. Além disso, estes conflitos podem incluir interrupções abruptas durante as discussões, ameaças à

estabilidade familiar – como menções de separação ou abandono – e disputas relacionadas com os filhos (Coln et al., 2013; Cummings et al., 2016). As crianças expostas a conflitos conjugais podem reagir de diversas formas, como através de reações emocionais intensas ou alterações comportamentais (Cummings et al. 2016). Além disso, a exposição direta a esses conflitos pode influenciá-las de forma imediata, ao servir como um modelo, positivo ou negativo, de resolução de problemas. Indiretamente, os conflitos podem prejudicar a relação entre pais e filhos, alterando práticas parentais, como a responsividade emocional e a imposição de disciplina (Coln et al., 2013). Este impacto está relacionado com o conceito de "*efeito spillover*" (Erel & Burman, 1995), que sugere que a qualidade da relação conjugal transborda para o relacionamento entre pais e filhos (Hameister et al., 2015).

Assim, o stress e a hostilidade decorrentes de conflitos conjugais tendem a refletir-se na dinâmica parental, afetando a disponibilidade emocional dos pais, que pode manifestar-se em formas de rejeição, hostilidade ou falta de responsividade. Adicionalmente, verificam-se dificuldades na coparentalidade, em relação às mudanças no controlo parental, como menor supervisão ou práticas disciplinares severas e inconsistentes (Cummings et al., 2016; McCoy et al., 2013).

7. Parentalidade, conjugalidade e coparentalidade

A parentalidade, a conjugalidade e a coparentalidade estão profundamente interligadas e desempenham um papel fundamental na forma como os pais educam os filhos (Böing & Crepaldi, 2016).

As práticas parentais dizem respeito às estratégias adotadas pelos pais para orientar, supervisionar e reforçar o comportamento infantil, promovendo simultaneamente a sua socialização. Num sentido mais abrangente, estas práticas incluem diferentes aspetos, tais como o estimular o desenvolvimento das competências sociais e dos valores morais, o

acompanhamento da criança - tanto dentro como fora do ambiente familiar - a definição e negociação de regras, a aplicação de medidas disciplinares quando necessário, bem como o incentivo à autonomia, responsabilidade e autodisciplina (Kobarg et al., 2010).

Por outro lado, o conceito de envolvimento parental é mais amplo do que o de práticas parentais e emergiu no contexto dos estudos sobre o envolvimento dos pais, em particular das figuras paternas (Grzybowski & Wagner, 2010). Apesar de muitas vezes serem utilizados como sinónimos na investigação, estes conceitos apresentam diferenças. O envolvimento parental pode manifestar-se de forma direta, quando inclui interações imediatas com a criança (e.g., cuidados diários, momentos de lazer e atividades partilhadas), ou de forma indireta, quando se refere à preocupação com o bem-estar da criança, mesmo na sua ausência. Este último aspeto abrange a capacidade dos pais para antecipar e organizar aspetos essenciais da vida dos filhos, como a saúde, a educação e as condições materiais para o seu desenvolvimento (Lamb et al., 1985).

Enquanto a parentalidade conceptualiza os estilos e práticas que cada progenitor adota individualmente na interação com os filhos, a coparentalidade foca-se na dinâmica relacional entre os cuidadores no cuidado e educação das crianças (Teubert et al., 2010).

Neste sentido, a coparentalidade refere-se à relação entre os cuidadores no cumprimento das suas funções parentais, com foco na colaboração, divisão de responsabilidades e suporte mútuo para garantir o bem-estar das crianças. Envolve a coordenação eficaz entre os pais e o reconhecimento do papel de cada um como progenitor (Feinberg, 2002). Em vez de se centrar nas responsabilidades individuais de cada pai, a coparentalidade descreve como os adultos interagem e trabalham juntos para educar e cuidar da criança, de forma coordenada e com base em expectativas comuns (Groenendyk et al., 2007; McConnell et al., 2002; McHale et al., 2004).

Nas últimas duas décadas, diversos investigadores têm trabalhado na definição do conceito de coparentalidade, identificando os seus componentes e analisando a sua relevância na dinâmica familiar, bem como na explicação dos resultados relativos ao desenvolvimento dos membros da família (Feinberg, 2002; Margolin et al., 2001; McHale et al., 1997). Neste sentido, foram criados diversos modelos que analisam a coparentalidade, mas haverá um maior foco no modelo proposto por Feinberg (2002) uma vez que este modelo permite analisar o impacto mediador da relação coparental no ajustamento e bem-estar de todos os seus membros.

Segundo Feinberg (2002), os três principais fatores que podem influenciar a coparentalidade são as características individuais dos progenitores, como o nível de escolaridade, bem-estar, saúde mental e atitudes pessoais; os fatores familiares, pois o comportamento dos pais enquanto cônjuges pode impactar a formação e manutenção de uma relação coparental saudável; e os fatores externos ao núcleo familiar, como o stress económico, que pode prejudicar a coordenação e o suporte mútuo, embora fatores protetores, como o suporte social, possam atenuar esses efeitos.

De acordo com esta perspetiva, a coparentalidade não é uma extensão ou derivação do relacionamento conjugal, mas sim um subsistema autónomo, com mecanismos e características próprios, distintos dos processos associados aos subsistemas conjugal e parental (Feinberg, 2002).

As redes de suporte social desempenham um papel crucial na resposta a situações de stress, funcionando como um pilar ecológico para a coparentalidade. Quanto maior o apoio proporcionado por estas redes, mais facilitada será a colaboração entre os cuidadores, o que, por sua vez, favorece trajetórias de desenvolvimento positivas e adaptativas para as crianças (Feinberg & Kan, 2008, citado por Lamela et al., 2010).

Contudo após a dissolução conjugal, o sistema familiar não é eliminado, mas exige uma reorganização processual e estrutural dos subsistemas familiares remanescentes, com impacto

no desenvolvimento individual e sistêmico. Estudos recentes têm demonstrado que a qualidade da relação coparental após a separação é um dos principais fatores que influenciam o desenvolvimento das crianças. Noutras palavras, os problemas de saúde mental nas crianças não parecem ser provocados diretamente pela separação conjugal, mas pela frequência e natureza dos conflitos interparentais e coparentais que surgem após esta transição (Hetherington et al., 2002; Lansford et al., 2009). Tal como em famílias com pais casados, a existência de uma aliança coparental não implica a ausência de conflitos interparentais. Uma aliança coparental reflete o compromisso ativo entre os progenitores em cooperar e partilhar responsabilidades no cuidado e educação dos filhos. Este compromisso torna-se ainda mais crucial em famílias com pais separados ou divorciados. Dados empíricos indicam que uma aliança coparental positiva promove maior envolvimento do pai não residente na vida quotidiana das crianças e funciona como um fator de proteção para o seu desempenho escolar e bem-estar psicossocial (Ahrons et al., 1993; Modecki et al., 2015).

Assim, níveis elevados de conflito coparental e baixos níveis de cooperação entre os cuidadores estão associados a problemas de externalização nas crianças, independentemente da idade. As dificuldades na cooperação coparental também estão relacionadas com problemas de internalização, dificuldades de atenção, baixo desempenho escolar e uma diminuição na qualidade das relações parentais individuais que cada progenitor estabelece com a criança (Feinberg, 2002).

8. Divórcio

O divórcio pode ser conceptualizado como um processo de reorganização da vinculação adulta (Lamela, et al., 2010), que envolve múltiplas mudanças e adaptações, representando uma perda para o casal e para os filhos, causando inevitavelmente um desajuste emocional (Almeida & Monteiro, 2012; Martins, 2010; Heegaard, 1998). Corresponde, também, ao rompimento

legal do vínculo existente derivado do casamento civil, pondo fim ao projeto criado por duas pessoas, provocando sentimentos negativos, que envolvem, entre outros, desilusão, frustração e insatisfação (Oldham, 2021).

Consequentemente, provoca não só mudanças relevantes no sistema familiar, como nas questões financeiras, relações sociais e parentalidade (Ricci, 2004). A forma como ocorre o processo de separação tem também um impacto significativo na adaptação à mudança. A relação entre as figuras parentais, o ajustamento psicológico, a capacidade de cuidado parental, o nível de conflito, as dificuldades socioeconômicas e a ocorrência de eventos stressantes são variáveis que influenciam o processo de divórcio e a adaptação ao mesmo dentro do contexto familiar (Scaliante, 2012; Souza, 2000).

No período subsequente ao divórcio parental, os adolescentes experienciam problemas emocionais e comportamentais, como tristeza, raiva, ressentimento, exigência, ansiedade, depressão, agressividade, sentimentos de culpa, baixa autoestima, dificuldades em lidar com a confusão e apreensão (Houseknecht & Hango, 2006). Muitas vezes, apesar de os pais estarem preocupados com os seus filhos, estão emocionalmente frágeis, pelo que tendem a estar menos disponíveis e atentos, o que os torna menos capazes de fornecer o apoio e a assistência necessários aos seus filhos durante esse período (Almeida & Monteiro, 2012).

Assim, existem alterações significativas na vida dos adolescentes que comprometem o seu desenvolvimento saudável. Identificam-se problemas emocionais e psicológicos relacionados com o processo de divórcio dos pais, tornando-se crucial a intervenção psicológica que proporcione um espaço seguro para que o adolescente possa expressar os seus sentimentos em relação à separação dos pais e ser ouvido (Raposo et al., 2011).

A reestruturação familiar é fundamental para ultrapassar a separação do casal e para que todos os membros envolvidos não percam a sua funcionalidade. Porém, muitos

progenitores não sabem o que fazer nesta situação, causando mal-estar psicológico nos filhos (Santos, 2013).

No primeiro momento, após a desvinculação do casal, a principal finalidade dos pais é proteger e atenuar os efeitos deste acontecimento nos filhos, embora se destaque como uma tarefa difícil e na maioria dos casos, malsucedida. O motivo mais evidente é o facto de que, mesmo com a presença de ambos os pais nos cuidados com os filhos, ocorre uma falta de coordenação nas práticas parentais, agravada pela ausência de comunicação. Isso leva os filhos a viverem em dois mundos sociais separados, com falta de consistência em termos de regras, reforços, valores e oportunidades de desenvolvimento (Ferrante, 2005; Maccoby, et al., 1990).

Segundo Wagner (2011), apesar do divórcio, o casal deve manter-se unido pelos laços parentais, com o objetivo de compartilhar a tarefa fundamental que é a de educar, independentemente de outros fatores que possam ter vindo a ser modificados como os hábitos, rotinas e padrão económico. A forma como os pais lidam com o divórcio e a capacidade de comunicá-lo aos filhos desempenham um papel crucial no impacto dessa transição familiar. A forma como os pais aceitam o divórcio e abordam o assunto com os filhos pode influenciar significativamente a forma como estes lidam com a situação. Uma abordagem sensível, honesta e adequada à idade das crianças pode ajudá-las a compreender e processar melhor o divórcio dos pais.

Por outro lado, a falta de clareza, confusão ou falta de comunicação pode gerar maior dificuldade e angústia para os filhos. Portanto, a forma como os pais abordam e explicam o divórcio aos filhos é um fator importante que pode impactar o bem-estar emocional e a adaptação das crianças nesse período de transição. Muitos casais escondem a realidade dos seus filhos, fazendo com que estes tenham em si várias questões não respondidas e não percebam a razão pela qual os seus progenitores já não moram na mesma casa. Muitas vezes alastram para os filhos, aquilo que deveria ficar limitado à relação entre adultos (Birnbaum &

McTavish, 2001; Gould & Martindale, 2007; Trocmé & Bala, 2005), trazendo repercussões para todos os envolvidos, em particular, para os filhos.

Assim, o divórcio parental pode ter um impacto significativo no ajustamento emocional dos filhos. Eles podem experimentar maior vulnerabilidade emocional, associando-se a grupos de pares desviantes, na adolescência. Além disso, questões de lealdade podem surgir, levando os filhos a sentir-se divididos entre cada um dos pais, particularmente, na infância (Ahrons, 2007; Hannum & Dvorak, 2004).

Além disso, o divórcio pode ser uma fonte significativa de stress e conflitos familiares, dificultando ainda mais a construção e manutenção de uma aliança parental (Ahrons, 1994). Um dos maiores desafios enfrentados pelos ex-cônjuges é manter o envolvimento parental e partilhar as responsabilidades no cuidado dos filhos (Lamela et al., 2010). Estudos têm revelado baixos níveis de coparentalidade entre pais e mães divorciados (Beckmeyer et al., 2014; Lamela et al., 2016; McGene & King, 2012). Além disso, estudos realizados em famílias binucleares identificaram o conflito interparental como o fator com maior impacto negativo na qualidade da coparentalidade (Grzybowski & Wagner, 2010; Lamela et al., 2010; Lamela et al., 2013).

Note-se que o ajustamento psicológico dos pais é um dos principais determinantes do funcionamento familiar após o divórcio (Lansford, 2009). Com base nestes dados, defende-se a ideia de que os pais, enquanto elementos centrais das relações familiares, influenciam diretamente o funcionamento e o desenvolvimento de todos os membros da família, especialmente dos filhos. Esta ligação entre o ajustamento psicológico parental e o funcionamento familiar parece ser mediada por vários fatores. A literatura destaca que a qualidade da coparentalidade, o nível de conflito entre os pais, a segurança da vinculação e a qualidade das relações entre pai/mãe e filhos são os principais mediadores familiares que afetam o bem-estar das crianças (Nunes-Costa et al., 2009; Raposo et al., 2011).

No caso das crianças, o ajustamento psicológico é maioritariamente explicado pela estrutura e pelos processos familiares. No entanto, pouca atenção tem sido dada a estas variáveis para compreender o ajustamento psicológico dos pais ao divórcio. As investigações têm-se centrado quase exclusivamente em fatores internos/individuais dos pais (como estratégias de coping, vínculo ao ex-cônjuge e nível de escolaridade) e fatores externos ao núcleo familiar (como redes de apoio social, novas relações íntimas e estabilidade profissional) na análise do ajustamento psicológico dos mesmos (Gähler, 2006). Dado o carácter interdependente e dinâmico do sistema familiar, é legítimo inferir que, tal como acontece com as crianças, as estruturas e os processos familiares também têm um impacto relevante no ajustamento psicológico dos pais.

Na separação, os filhos desenvolvem formas de relacionamento e de resolução de problemas, baseando-se na forma como os seus pais solucionam conflitos, comunicam, demonstram afeto e se adaptam às dificuldades da vida (Neumann e Zordan, 2013). No entanto, se após o divórcio os pais continuarem a participar nas atividades com os filhos, estes têm maior probabilidade de obterem resultados positivos no seu desenvolvimento (Wagner, 2011).

A reação dos adolescentes à separação dos seus pais vai depender do grau de amadurecimento, da personalidade e da relação com os pais no momento atual (Santos, 2013). Durante o processo de separação, é comum que os adolescentes enfrentem dificuldades emocionais e preocupações, principalmente em relação ao progenitor com quem não irão residir. O medo de perder esse progenitor pode levar a um desajuste emocional, manifestando-se através de sintomas como depressão, irritabilidade e queda no rendimento escolar. Além disso, os adolescentes podem enfrentar problemas de ajustamento e dificuldades nos relacionamentos interpessoais. Esses desafios são frequentemente observados particularmente durante a fase inicial da separação dos pais (Hack, 2010).

De facto, as diferenças de desenvolvimento relacionadas com a idade têm impacto na forma como os adolescentes sentem a separação dos pais. Cada faixa etária enfrenta desafios específicos durante esse processo. Por exemplo, adolescentes mais jovens podem apresentar dificuldades em compreender e lidar com as mudanças decorrentes da separação, enquanto adolescentes mais velhos podem experienciar questões de identidade e autonomia exacerbadas. Portanto, ter em consideração as diferenças de desenvolvimento é essencial para compreender o impacto da separação nos adolescentes (Osório, 2011).

Os problemas comportamentais, também podem fazer parte deste processo, tais como comportamentos agressivos, antissociais, falta de controlo, diminuição do desempenho cognitivo e episódios depressivos (Hack, 2010). Desta forma, os adolescentes, em qualquer estrutura familiar, frente à separação dos pais, necessitam de apoio, limites e continuidade dos cuidados, pelo que é necessário que se mantenha um relacionamento saudável entre pais e filhos.

Quando o adolescente se encontra diante do divórcio parental, é comum serem desenvolvidos sentimentos de raiva e confusão que consequentemente se traduzem no consumo de substâncias, decréscimo do desempenho escolar, conduta sexual inadequada, depressão, agressividade, comportamento delinquente, problemas académicos e dificuldades de relacionamento (Kelly, 2003; Tullius et al., 2022).

9. Comportamentos de risco e o consumo de drogas na adolescência

Os estudos sobre comportamentos de risco em adolescentes têm sofrido uma grande evolução, uma vez que esta fase do desenvolvimento se associa a diversos desafios com *outcomes* negativos a nível pessoal, social e cognitivo para os mesmos. Ao abordar este tema, é importante considerar todas as fases do desenvolvimento anteriores a essa idade, a fim de compreender plenamente o desenvolvimento desses indivíduos. Assim, na adolescência a

ocorrência de comportamentos de risco é uma questão de grande importância, que tem sido objeto de numerosos estudos de pesquisa. Esses comportamentos representam uma ameaça para a saúde física e mental dos indivíduos, apresentando riscos tanto a curto quanto a longo prazo. Alguns desses comportamentos incluem o envolvimento em atividades que contribuem para lesões acidentais e violência, o uso de tabaco, álcool e outras drogas, práticas sexuais que aumentam o risco de gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis, adoção de hábitos alimentares pouco saudáveis e falta de atividade física (Kipping, et al., 2012). Posto isto, são considerados comportamentos de risco, uma vez que acarretam consequências negativas para o desenvolvimento saudável dos adolescentes (Brenner et al., 2004; Guedes & Lopes, 2010).

Os adolescentes são o grupo de pessoas que estão mais suscetíveis ao consumo de drogas, dada a forte inclinação para novos desafios, curiosidade, novas experiências, suscetibilidade à pressão dos colegas, rebeldia e baixa autoestima. Não obstante, os adolescentes adotam estes comportamentos de forma a facilitar as relações entre pares e como um exercício de afirmação da sua autonomia. Assim, em alguns casos, os comportamentos de risco, incluindo o consumo de substâncias, associam-se à ideia de inclusão e, de alguma forma, enquanto comportamentos que promovem, dentro de certos limites, o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. Por outro lado, a adoção contínua desses comportamentos pode traduzir-se em consequências a curto, médio e longo prazo que comprometem a saúde e o bem-estar dos indivíduos. Ora, esta ideia constitui assim um paradoxo, na medida em que comportamentos de risco podem ter tanto precursores quanto consequências que podem ser negativas ou positivas, originando consequências irreparáveis para a saúde, aprendizagem e convivência familiar e comunitária (Dworkin, 2005).

Atualmente, o mercado de drogas é composto por uma variedade de produtos, como cannabis, cocaína, crack, álcool e outros, contendo substâncias químicas que causam danos

significativos, como dependência e um desejo crescente de experimentar sensações diferentes (Justino, 2007).

O Modelo Ecológico do Desenvolvimento de Bronfenbrenner (1979), dita que a propensão para este tipo de comportamentos é influenciada pelo ambiente social do adolescente (e.g., família, escola e núcleo de amigos). No entanto, poucos estudos estabelecem uma relação causal direta entre a exposição ao fator de risco e o comportamento de risco (Bird, et al., 2006; Hockenberry, et al., 2010).

A revisão da literatura permitiu compreender a complexa interligação entre a adolescência, a estrutura familiar e os comportamentos de risco, destacando o papel fundamental da vinculação e da comunicação no desenvolvimento dos jovens. A transição para a adolescência implica a perda da tranquilidade, das certezas, da segurança e da “leveza” da infância, dando lugar a um período marcado pela incerteza, pela procura da própria identidade e por sonhos relacionados com um mundo adulto que, frequentemente, parece distante e pouco atrativo (Costa, 2004). Nesta etapa de transição, o adolescente procura afirmar a sua identidade enquanto se prepara para assumir as responsabilidades da vida adulta (Hack & Ramires, 2010).

Ao existirem profundas transformações nesta fase e pelo facto desta ser influenciada por diversos fatores familiares, a qualidade das relações familiares e dos laços afetivos é determinante para o desenvolvimento saudável dos jovens. Contudo, nem sempre este cenário é observado. Existem agregados familiares profundamente desestruturados, caracterizados por vínculos inseguros, ausência de cuidados adequados e falta de supervisão parental (Mota, 2008). A qualidade da relação parental e a estabilidade emocional no ambiente familiar desempenham um papel central na adaptação dos adolescentes às mudanças inerentes a esta etapa do ciclo vital.

A vinculação familiar surge, portanto, como um fator protetor essencial, promovendo o bem-estar emocional e facilitando a construção de relações seguras e saudáveis. No entanto,

essa dinâmica está sujeita a variações conforme a estrutura e a tipologia familiar, bem como à forma como os membros da família comunicam e lidam com desafios, tais como conflitos conjugais, coparentalidade e divórcio. A comunicação eficaz dentro da estrutura familiar revela-se então um elemento-chave na manutenção da coesão familiar, permitindo a adaptação a mudanças naturais e acidentais ao longo do tempo.

Por fim, observou-se que a interação entre essas variáveis influencia diretamente os comportamentos de risco na adolescência, incluindo o uso de substâncias e outros padrões de vulnerabilidade. Sendo que, quando existe uma ausência de fatores de proteção e prevalência de fatores de risco, os adolescentes tornam-se mais suscetíveis ao consumo de substâncias psicoativas. Entre os fatores de risco, destaca-se a frágil supervisão parental, enquanto a monitorização parental constitui um fator de proteção relevante (Drabble et al., 2016). Assim, para prevenir o consumo de drogas, é fundamental que a monitorização e o acompanhamento parental estejam presentes no núcleo familiar, proporcionando um ambiente seguro e protetor para os adolescentes.

Uma dinâmica familiar disfuncional ou um ambiente familiar marcado por conflitos e fraca comunicação, podem aumentar a propensão a esses comportamentos, enquanto relações familiares seguras e estáveis podem atuar como fatores protetores. Assim, compreender a interdependência entre essas dimensões é fundamental para a promoção do desenvolvimento saudável dos adolescentes e para a implementação de estratégias eficazes de prevenção e intervenção junto dos mesmos (Liu et al., 2019).

CAPÍTULO II: ESTUDO EMPÍRICO

1. Objetivos e questão de investigação

A revisão de literatura apresentada bem como a evidência científica acumulada, mostram a pertinência e importância que recaem sobre a elaboração deste estudo. O **objetivo geral** consiste em comparar a propensão ao consumo de substâncias, em adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos, provenientes de famílias divorciadas e de famílias intactas. Mais especificamente, pretende-se explorar: (i) o impacto da dinâmica familiar na propensão a este tipo de comportamento nos adolescentes - utilizando o questionário sociodemográfico e o *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST)*; (ii) se existem diferenças entre o tipo de família (família intacta vs. família divorciada) e a comunicação no seio da mesma no que diz respeito ao adolescente - utilizando o questionário sociodemográfico e a Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA); (iii) se existem diferenças entre o tipo de família e a qualidade vinculação entre os pais e os filhos adolescentes - utilizando o questionário sociodemográfico e o Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe (QVPM); (iv) se existem diferenças entre o tipo de família e a perceção dos adolescentes em relação ao modo como a família funciona- utilizando o questionário sociodemográfico e o *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (Score-15)*; (v) relacionar o consumo dos pais e o dos filhos adolescentes no que diz respeito ao tipo de consumo e à sua frequência- utilizando o questionário sociodemográfico e o *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST)*; (vi) o impacto da vinculação e da comunicação pais-filhos nos níveis de consumo dos adolescentes - utilizando a Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA), o Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe (QVPM), e o *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST)*.

A **questão de investigação** consiste em perceber “*qual a relação entre o consumo de substâncias na adolescência e a dinâmica familiar (no que diz respeito ao tipo de estrutura familiar, comunicação e vinculação pais-filhos)?*”.

Com base nestes objetivos e na revisão de literatura apresentada anteriormente, foram definidas as seguintes hipóteses de investigação:

1. Hipótese 1 (H₁): Espera-se encontrar uma associação entre a dinâmica familiar e o consumo de substâncias (i.e., filhos adolescentes provenientes de famílias divorciadas apresentam um consumo de substâncias superior comparativamente com adolescentes provenientes de famílias intactas).
2. Hipótese 2 (H₂): Existem diferenças significativas no nível da comunicação pais-filhos de acordo com o tipo de estrutura familiar (i.e., a forma como os pais comunicam com os filhos depende do tipo de família a que pertencem)
3. Hipótese 3 (H₃): Existem diferenças significativas na qualidade da vinculação pais-filhos de acordo com o tipo de estrutura familiar (i.e., a qualidade da vinculação pais-filhos na adolescência, varia de acordo com o tipo de família a que pertencem).
4. Hipótese 4 (H₄): Espera-se que os adolescentes tenham uma perceção diferente em relação ao modo como a família funciona consoante o tipo de família (i.e., adolescentes vindos de famílias divorciadas já passaram por uma instabilidade e reestruturação que lhes deu uma perceção da família distinta daqueles que estão em famílias intactas).
5. Hipótese 5 (H₅): Espera-se que o consumo de substâncias pelos pais esteja associado ao consumo de substâncias pelos filhos, no que diz respeito ao tipo e frequência desses mesmos consumos (i.e., os adolescentes seguem os seus pais como exemplo, assim, a propensão para o consumo de substâncias é maior se presenciarem isso nos progenitores).

6. Hipótese 6 (H₆): Espera-se que adolescentes que apresentam uma melhor comunicação com os pais, e que apresentam uma vinculação segura com os mesmos, apresentem uma menor propensão ao consumo de substâncias (i.e., os adolescentes que se sentem seguros, estáveis e informados, nas suas relações familiares, têm menor probabilidade de consumir substâncias).

2. Método

O presente estudo apresenta um design de natureza quantitativa, explicativa e transversal. Os participantes foram avaliados por meio de questionários, em um único momento temporal de recolha de dados.

2.1. Participantes

A seleção da amostra deste estudo foi realizada através do processo de amostragem por conveniência. Para garantir o rigor metodológico, este estudo definiu critérios específicos de inclusão e de exclusão. Os critérios de inclusão incluíram: ter nacionalidade portuguesa, idade compreendida entre os 12 e os 15 anos, frequentar a escola (estar matriculado/a entre o 7º e o 9º ano do 3º ciclo do ensino básico), e apresentarem uma de duas configurações em termos de estrutura familiar (pais divorciados ou serem provenientes de famílias intactas).

Por outro lado, os critérios de exclusão identificam situações em que a participação no estudo não é adequada. Neste caso, tais critérios incluíram indivíduos diagnosticados com uma perturbação do neurodesenvolvimento e adolescentes que apresentassem relação apenas com um dos progenitores. Esses critérios visaram garantir a integridade dos dados e a adequação dos participantes aos objetivos e procedimentos do estudo.

Na tabela 1 apresenta-se a caracterização sociodemográfica dos participantes que compõem a amostra do estudo.

Tabela 1

Caraterização da amostra

Dados Sociodemográficos	N	%	Moda
Sexo (n=103)			-
Masculino	45	43.7%	-
Feminino	58	56.3%	-
Escolaridade (n=103)			-
7º ano	41	39.8%	-
8º ano	44	42.7%	-
9º ano	18	17.5%	-
Acompanhamento psicológico (n=103)			1
1. Nunca	69	67%	-
2. Tenho atualmente, por causa da família	4	3.9%	-
3. Tenho atualmente, mas não tem haver com a família	9	8.7%	-
4. Tive no passado, por causa da família	7	6.8%	-
5. Tive no passado, mas não tem haver com a família	14	13.6%	-
Irmãos (n=103)			1
1. Tenho irmão/ã (ôs/ãs)	92	89.3%	-
2. Não tenho irmão/ã (ôs/ãs)	11	10.7%	-
Tipo de família (n=103)			2
1. Divorciada	32	31.1%	-
2. Intacta	71	68.9%	-
Guarda parental (n=32)			1
1. Partilhada	18	56.3%	-
2. Exclusiva	14	43.8%	-
Com quem passa mais tempo (n=103)			1
1. Referiu os pais	79	76.7%	-
2. Referiu membros familiares, mas não os pais	3	2.9%	-
3. Não referiu membros da família	21	20.4%	-
Consumo parental (n=103)			1
1. Nenhum dos pais	61	59.2%	-
2. Só a mãe	6	5.8%	-
3. Só o pai	21	20.4%	-
4. Os dois consomem	15	14.6%	-

A amostra final deste estudo foi composta por 103 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos que frequentavam o 3º ciclo do ensino básico de uma de duas instituições no distrito de Setúbal (Escola Básica e Secundária Michel Giacometti e

Escola Básica Paulo da Gama). Participaram 45 indivíduos do sexo masculino (43.7%) e 58 indivíduos do sexo feminino (56.3%).

A maioria dos participantes frequentava o 8º ano, com um total de 44 participantes (42.7%), enquanto 41 participantes frequentavam o 7º ano (39.8%) e 18 participantes frequentavam o 9º ano (17.5%).

Em relação ao acompanhamento psicológico dos participantes, a maior parte (67%) referiu que nunca tinha tido esse acompanhamento. Para os adolescentes que já tiveram ou que têm ainda atualmente esse acompanhamento, a motivação para o pedido de acompanhamento psicológico não parece relacionado, na sua maioria, com problemas familiares.

Quase todos os participantes (89.3%) mencionaram ter um ou mais irmãos, evidenciando que a maior parte das famílias de origem dos adolescentes são constituídas por vários elementos.

Em relação ao tipo de família, o mais mencionado são as famílias intactas, existindo 71 famílias intactas (68.9%) e 32 famílias divorciadas (31.1%). Nas famílias divorciadas, o tipo de regime de exercício de responsabilidades parentais mais utilizado é a guarda partilhada entre a mãe e o pai (56.3%).

A maior parte dos adolescentes (76.7%) mencionaram passar a maior parte do seu tempo com os pais. Aqueles que não referiram nenhum membro da família, passam a maior parte do tempo com os colegas de escola.

No que diz respeito aos consumos, a maior parte dos pais dos participantes não consomem (59.2%). Contudo, em 21 famílias o pai consome (20.4%), em 6 famílias a mãe consome (5.8%) e em 15 famílias ambos os pais consomem (14.6%).

2.2. Instrumentos de avaliação

Nesta seção, encontram-se descritos os instrumentos utilizados neste estudo para avaliar diferentes aspetos relacionados com a dinâmica familiar, vinculação aos pais, comunicação

parental e propensão para comportamentos de risco na adolescência. Os instrumentos foram selecionados com base em sua relevância teórica e capacidade de fornecer dados consistentes e válidos. De seguida, apresentaremos uma breve descrição de cada instrumento utilizado.

2.2.1. Questionário Sociodemográfico. O questionário sociodemográfico desempenha um papel fundamental neste estudo, uma vez que tem como objetivo obter informações importantes sobre os participantes. Por meio deste questionário, foram recolhidos dados pessoais, como sexo, idade, nacionalidade, zona de residência, existência de acompanhamento psicológico, hobbies, interesses e informação escolar relativamente aos participantes. Além disso, foram solicitadas informações relevantes sobre a dinâmica familiar, como a composição da família, o tipo de guarda em caso de divórcio e antecedentes familiares.

A aplicação deste questionário foi também essencial para a seleção dos participantes, garantindo que todos cumpriam os critérios de inclusão estabelecidos. Essas informações sociodemográficas são importantes para caracterizar a amostra e fornecem dados importantes para a análise e interpretação dos resultados obtidos nos instrumentos subsequentes.

2.2.2. Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (Score-15). O questionário “*Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation*” (Score-15) foi desenvolvido em 2010 por Stratton, Bland, Jane, e Lask e adaptado para a população portuguesa em 2014, por Margarida Vilaça, José Silva e Ana Relvas.

Este questionário de autorresposta tem como objetivo avaliar diversos aspetos do funcionamento familiar que são sensíveis à mudança. Através deste instrumento, os adolescentes descrevem a dinâmica familiar em relação à comunicação, ao respeito, à confiança e à culpa.

O questionário é composto por 15 afirmações, divididas em três dimensões distintas: recursos familiares (RF: itens 1, 3, 6, 10 e 15), comunicação na família (CF: itens 2, 4, 8, 12 e 13) e dificuldades familiares (DF: itens 5, 7, 9, 11 e 14). O preenchimento das respostas é realizado através de uma escala tipo Likert, de forma a selecionar o número que melhor descreve a sua família. A escala varia de 1, que significa "descreve-nos muito bem", a 5, que significa "não nos descreve em absoluto". Além disso, o questionário também inclui perguntas de resposta livre, nas quais os participantes são convidados a descrever a sua família e avaliar em uma linha cronológica de 0 a 10, a forma como a admira.

Essas variáveis permitem uma compreensão mais aprofundada do contexto familiar e, consequentemente, da forma como a família se relaciona. É importante ressaltar que as questões sobre a necessidade de terapia foram retiradas deste questionário, uma vez que sua aplicação não tem caráter terapêutico, mas sim de recolha de dados para fins de pesquisa.

Para cotar o total da escala e das dimensões, inverte-se os itens das subescalas da comunicação na família e dificuldades familiares (itens 2, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13 e 14), e procede-se à soma de todos os 15 itens, para que as pontuações mais elevadas correspondam a maiores dificuldades na família. Em relação à média, divide-se o total pelo número de itens (15 itens).

O SCORE-15 revela uma boa consistência interna na escala total, tanto nos estudos originais ($\alpha = 0,89$) (Stratton et al., 2010) como no estudo conduzido com a população portuguesa ($\alpha = 0,84$) (Relvas, 2014), em conformidade com os valores recomendados por Pestana e Gageiro (2008). Em investigações psicométricas realizadas após o estudo inicial, foram determinados os coeficientes alfa de Cronbach para as três subescalas do SCORE-15: $\alpha = 0,83$ na subescala RF, $\alpha = 0,85$ na subescala CF e $\alpha = 0,78$ na subescala DF. No estudo com a população portuguesa, as subescalas também apresentaram uma boa consistência interna, com $\alpha = 0,85$ para RF, $\alpha = 0,83$ para CF e $\alpha = 0,82$ para DF (Hamilton et al., 2015).

2.2.3. Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe. O Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe (QVPM; Matos & Costa, 2001, versão revista), é constituído por 30 itens que traduzem as relações familiares. Pretende avaliar as representações de vinculação dos adolescentes aos pais, em três dimensões: a Qualidade do Laço Emocional (QLE), Ansiedade de Separação (AS), e a Inibição da Exploração e Individualidade (IEI). A dimensão de QLE (itens: 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 26, 29) faz referência à importância das figuras parentais enquanto figuras de vinculação, dando relevância à qualidade e durabilidade das ligações estabelecidas proporcionando uma base segura a que se recorre em situações de dificuldade. A AS (itens 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30) diz respeito à dificuldade em encarar a separação face à figura de vinculação, sendo geradora de ansiedade e medo, recriando ao mesmo tempo uma relação de dependência. Esta dimensão permite estabelecer a importância do grau de ligação às figuras parentais, podendo ser encarada como adaptativa à luz da teoria da vinculação de Bowlby, sempre que a ansiedade de separação e dependência não ultrapassem os limiares considerados normativos no desenvolvimento do indivíduo. Por fim, a IEI (itens 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25, 28, 31) pretende avaliar a percepção de restrição face ao desenvolvimento de um carácter e estilo pessoal como ideias e expressões próprias de si, onde a exploração enquanto ser individual e iniciativa não são apoiadas pelas figuras parentais.

As respostas são dadas individualmente através de uma escala tipo Likert de 6 pontos, em que 1- *Discordo Totalmente* e 6- *Concordo Totalmente*.

Para obter os resultados após a aplicação deste instrumento, é necessário calcular cada dimensão, somando os itens correspondentes. Contudo, é importante salientar que uma pontuação elevada em IEI e AS pode indicar dificuldades na relação de vinculação, enquanto uma pontuação elevada em QLE sugere uma relação de vinculação positiva.

Os estudos originais conduzidos pelas autoras evidenciam uma boa fiabilidade do instrumento, utilizando medidas de consistência interna e de teste-reteste. A análise da consistência interna foi realizada através do coeficiente alfa de Cronbach, obtendo-se valores para as diferentes dimensões do QVPM, tendo em consideração a amostra e a diferenciação de género. Relativamente ao teste-reteste, realizado numa amostra aleatória composta por participantes de famílias intactas, com um intervalo de seis semanas entre as medições, as correlações de Pearson apresentaram valores entre .54 e .66. Estes resultados sugerem que as dimensões do instrumento avaliam características relativamente estáveis da relação com as figuras parentais, ainda que possam sofrer variações em função do clima afetivo vivido no momento da avaliação pelo adolescente. No que concerne à validade, foram efetuados estudos correlacionais e investigações destinadas a avaliar a sensibilidade do instrumento às diferenças entre grupos. Através de uma análise de clusters, procurou-se classificar os sujeitos, testando a capacidade do instrumento para identificar configurações específicas e teoricamente significativas no âmbito da teoria da vinculação. Os resultados destes estudos também evidenciaram a sensibilidade do instrumento às diferenças de género, tanto dos adolescentes como dos seus pais (Matos, 2002).

2.2.4. Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade. A Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA), foi adaptada e validada por Alba Portugal e Isabel Alberto em 2010. A versão adolescente (COMPA-A) que inclui pessoas com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, é composta por 5 subescalas: Disponibilidade parental para a comunicação (14 itens: 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21); Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores (7 itens: 1, 2, 3, 7, 30, 33, 34); Expressão do afeto e apoio emocional (5 itens: 23, 29, 31, 35, 39); Metacomunicação (9 itens: 8, 22, 24, 25, 27, 28, 32, 36, 37); Padrão comunicacional negativo (4 itens: 5, 6, 26, 38). Assim,

a importância de aplicar este instrumento neste estudo deve-se ao objetivo de avaliar a percepção dos filhos sobre a comunicação com os seus pais. Primeiramente, são perguntas relativamente à forma como o adolescente comunica com o pai e a depois à forma como o adolescente comunica com a mãe.

As respostas são dadas numa escala likert com cinco níveis (1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4= Muitas vezes; 5=Sempre), dada a frequência com que acontece cada uma das situações afirmadas.

Para efetuar a cotação dos resultados por subescalas, é feita a soma total dos itens e divide-se pelo total de itens da escala. Neste sentido, quanto mais elevada for a pontuação de cada subescala, melhor é a percepção da comunicação parento-filial. No entanto, na quinta dimensão os itens são negativos, por isso, resultados elevados nesta subescala revelam uma percepção negativa sobre a comunicação.

A análise inicial da consistência interna foi realizada para o conjunto total de 65 itens, tendo sido obtido um coeficiente alfa de Cronbach global de .85. Após a remoção de 26 itens com pesos inferiores a .30, o coeficiente global aumentou para .94, um valor considerado excelente na literatura (Nunally, 1978).

2.2.5. Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST). O instrumento *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test* (ASSIST), foi desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), com o objetivo de detetar as pessoas que consomem, ou têm propensão a consumir substâncias lícitas ou ilícitas (Botti et al., 2010). Em 2019, foi adaptado e validado para a população portuguesa por António Ramalho Mostardinha, Ana Bárto, José Bonifácio e Anabela Pereira, conforme publicado na *Ata Médica Portuguesa*.

O ASSIST é de fácil aplicação, onde é possível obter informações relevantes sobre os comportamentos de consumo de substâncias dos adolescentes, contribuindo para a compreensão dos fatores de risco e proteção nesta área. Dado o caráter sensível deste tema, é importante enfatizar aos participantes a garantia de sigilo e confidencialidade das respostas.

No contexto do estudo, este questionário é utilizado para avaliar o consumo de substâncias pelos adolescentes. Contém, oito questões que exploram diferentes aspetos, como o tipo de substâncias utilizadas, a frequência de uso, o impacto negativo na saúde, nas relações sociais, legais ou financeiras, entre outros. As respostas variam de acordo com as frequências de consumo, sendo categorizadas em termos de tempo, numa escala de 0 a 4 (0=Nunca; 1= Uma vez ou duas por ano; 2= Uma vez por mês; 3=Uma vez por semana; 4=Uma vez por dia ou mais).

Para calcular os resultados, soma-se as pontuações obtidas nas questões 2 a 7, excluindo a primeira e a oitava questões. Além disso, na questão 5, a pontuação relacionada aos derivados de tabaco não deve ser contabilizada. Como a soma total para cada substância pode variar de 0 a 20, se o escore for entre 0-3 corresponde a um uso ocasional, se for entre 4-15 indica um uso abusivo, e se for superior a 16 considera-se como sugestivo de dependência.

O estudo de validação inicial foi conduzido por um grupo de especialistas liderado por Humeniuk et al. (2008), num artigo publicado no periódico *Addiction*. Esse estudo confirmou a validade e confiabilidade do ASSIST para identificar padrões de uso de substâncias em diferentes contextos culturais e clínicos.

2.3. Procedimento e tratamento estatístico dos dados

Este estudo iniciou-se com uma revisão da literatura, com, entre vários objetivos, o objetivo de identificar a faixa etária mais adequada para a recolha dos dados desejados. Optou-se por abranger as idades dos 12 aos 15 anos, devido às significativas mudanças biológicas,

intelectuais, emocionais e sexuais que ocorrem nesse período, as quais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento humano, influenciando a nossa identidade, visão do mundo e relacionamentos interpessoais. Depois de definido o projeto de investigação, foi solicitada autorização aos autores dos instrumentos para a sua utilização no âmbito deste estudo.

De seguida, o projeto que resultou nesta dissertação foi submetido à comissão de ética da Universidade Lusíada e das escolas participantes. As instituições de ensino selecionadas ofereceram acesso facilitado e disponibilizaram-se a colaborar com o projeto de pesquisa. Após o contacto com os responsáveis da escola e a obtenção das devidas autorizações, foram entregues os formulários de consentimento informado em papel aos alunos dentro da faixa etária selecionada (12 aos 15 anos), com o objetivo de conseguir permissão dos responsáveis legais para a participação no estudo.

A aplicação dos instrumentos aos alunos autorizados ocorreu em sala de aula, em papel, com um ambiente adequado de silêncio e concentração. Foi enfatizada a importância da sinceridade por parte dos alunos ao responderem aos questionários. A aplicação foi realizada durante o período de horário escolar, a fim de evitar qualquer desinteresse ou perda de motivação. Garantiu-se que os alunos que não foram autorizados pelos encarregados de educação a participar, tivessem a respetiva aula no horário de aplicação, sendo levados para outra sala com a professora da disciplina.

Inicialmente, foi entregue aos alunos o consentimento informado (apêndice C), para que pudessem ler e assinar, compreendendo os objetivos do estudo e as regras de confidencialidade. Foram fornecidas instruções no início de cada questionário e esclarecidas quaisquer dúvidas que surgissem. O tempo de aplicação dos testes (apêndice D, E, F, G, H) foi de 45 minutos, de forma anónima, sob supervisão da investigadora.

Finalizada a recolha de dados, os dados foram inseridos no software informático Jamovi versão 2.6.25, onde foi realizada também a análise dos dados.

No que diz respeito ao **tratamento estatístico dos dados**, para caracterizar a amostra, foram analisadas as medidas de tendência central e medidas de dispersão. Tendo em conta que a maioria das variáveis são de natureza quantitativa, são apresentadas as médias e os desvios padrões das mesmas. No caso das variáveis qualitativas apresentam-se o número e as frequências absolutas.

De forma a analisar os dados quanto à associação entre as diferentes variáveis em estudo utilizou-se o teste t, mas primeiramente, foram analisados os pressupostos de normalidade para o teste t, que foram cumpridos uma vez que os valores de assimetria e curtose se encontravam dentro dos limites recomendados. De acordo com Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Porém, para examinar se os níveis de consumo dos filhos diferem consoante o consumo dos pais foi considerada inicialmente a realização de uma análise de variância (ANOVA). No entanto, os pressupostos de normalidade e homogeneidade das variâncias, essenciais à validade deste teste paramétrico (Field, 2024), não se verificaram. Assim, optou-se pela utilização do teste de Kruskal-Wallis, uma alternativa não paramétrica apropriada para comparar três ou mais grupos independentes quando tais pressupostos são violados (Marôco, 2018).

3. Resultados

3.1. Resultados descritivos

Apresenta-se na tabela 2 os resultados descritivos da idade dos participantes.

Tabela 2

Medidas descritivas da idade dos participantes

	Sexo	Idade
Número	Masculino	45
	Feminino	58
Média	Masculino	13.4
	Feminino	13.5
Mediana	Masculino	13
	Feminino	13.0
Desvio-padrão	Masculino	.89
	Feminino	.90
Mínimo	Masculino	12
	Feminino	12
Máximo	Masculino	15
	Feminino	15

Verifica-se que participaram no estudo 45 pessoas do sexo masculino e 58 pessoas do sexo feminino. As idades dos participantes variam entre os 12 e os 15 anos, e a média está dividida por sexo masculino ($M = 13.4$, $DP = .89$) e sexo feminino ($M = 13.5$, $DP = .90$), evidenciando-se valores bastante equivalentes.

Na tabela 3 apresentam-se os resultados descritivos em relação ao acompanhamento psicológico.

Tabela 3

Medidas descritivas do acompanhamento psicológico dos participantes

Acompanhamento Psicológico	Número	%
Total	103	100%
Moda	1	-
1. Nunca	69	67%
2. Tenho atualmente, por causa da família	4	3.9%
3. Tenho atualmente, mas não tem haver com a família	9	8.7%
4. Tive no passado, por causa da família	7	6.8%
5. Tive no passado, mas não tem haver com a família	14	13.6%

A maioria dos participantes (69 pessoas, correspondendo a 67%) nunca teve acompanhamento psicológico, sendo esta a resposta mais frequente. Apenas 4 participantes (3,9%) referiram estar atualmente a receber acompanhamento psicológico por motivos familiares. Por outro lado, 7 pessoas (6,8%) indicaram que, embora atualmente não estejam a ser acompanhadas, já recorreram a apoio psicológico anteriormente por razões familiares. Relativamente a motivos que não estão relacionados com a família, 9 participantes (8,7%) afirmaram estar neste momento em acompanhamento psicológico, enquanto 14 (13,6%) referiram já o ter feito no passado.

Apresenta-se na tabela 4, os resultados descritivos em relação à escolaridade dos participantes.

Tabela 4

Medidas descritivas da escolaridade dos participantes

Escolaridade	Número	%
Total	103	100%
Mediana	3	-
AIQ	1	-
7º ano	41	39.8%
8º ano	44	42.7%
9º ano	18	17.5%

A maioria dos participantes frequenta o 8º ano (42.7%), contudo, no 7º ano temos 41 participantes (39.8%) e no 9º ano 18 participantes (17.5%).

A tabela 5 regista as estatísticas descritivas do tipo de família, e do tipo de guarda parental, no caso de participantes que pertencem a famílias divorciadas.

Tabela 5

Medidas descritivas do tipo de família e guarda parental

Tipo de família	Número	%
Número	103	100%
Moda	2 (família intacta)	-
Divorciada	32	31.1%
Intacta	71	68.9%
Guarda parental		
Número	103	100%
Moda	1 (partilhada)	-
Partilhada	18	56.3%
Exclusiva	14	43.8%

Em relação ao tipo de família, o mais mencionado são as famílias intactas (68.9%), existindo 71 famílias intactas (68.9%) e 32 famílias divorciadas (31.1%). Nas famílias divorciadas, o tipo de regime de exercício de responsabilidades parentais mais utilizado é a guarda partilhada (56.3%).

Apresenta-se na tabela 6 os resultados descritivos em relação ao consumo dos pais dos participantes.

Tabela 6

Medidas descritivas do consumo parental

Consumo Parental	Número	%
Número	103	100%
Moda	1 (não consomem)	-
1. Nenhum dos pais	61	59.2%
2. Só a mãe	6	5.8%
3. Só o pai	21	20.4%
4. Os dois consomem	15	14.6%

A resposta mais frequente relativamente ao consumo por parte dos pais dos participantes foi a de que não consomem, sendo este o caso em 61 famílias (59.2%). No entanto, em 21 famílias (20.4%) apenas o pai consome, em 15 (14.6%) ambos os pais consomem, e em 6 famílias (5.8%) é apenas a mãe que consome.

A Tabela 7 apresenta os dados descritivos relativos à pessoa com quem os participantes passam a maior parte do tempo.

Tabela 7

Medidas descritivas sobre com quem os participantes passam mais tempo

Com quem passa mais tempo	Número	%
Número	103	100%
Moda	1 (referiu os pais)	-
1. Referiu os pais	79	76.7%
2. Referiu membros familiares, mas não os pais	3	2.9%
3. Não referiu nenhum membro da família	21	20.4%

A maior parte dos adolescentes mencionaram passar maior parte do tempo com os pais (76.7%).

3.2.Relação entre o consumo dos pais e dos filhos

Apresenta-se na tabela 8 e 9 os resultados da relação entre o consumo dos pais e dos filhos.

Tabela 8

Consumo parental

		ASSIST		
Consumo Parental		Consome	Não consome	Total
Nenhum dos pais	Observado	9	52	61
	Esperado	12.44	48.56	61.00
Só mãe	Observado	3	3	6
	Esperado	1.22	4.78	6.00
Só pai	Observado	4	17	21
	Esperado	4.28	16.72	21.00
Os dois consomem	Observado	5	10	15
	Esperado	3.06	11.94	15.00
Total	Observado	21	82	103
	Esperado	21	82	103

A amostra foi composta por 103 adolescentes, dos quais 21 (20.4%) referiram consumir substâncias e 82 (79.6%) indicaram não consumir. Relativamente ao consumo parental, 61 adolescentes (59.2%) afirmaram que nenhum dos pais consumia, 6 (5.8%) que apenas a mãe consumia, 21 (20.4%) que apenas o pai consumia, e 15 (14.6%) que ambos os pais consumiam. Entre os 21 adolescentes que afirmaram consumir, 9 (42.9%) relataram que nenhum dos pais consumia, 3 (14.3%) que só a mãe consumia, 4 (19.0%) que só o pai consumia e 5 (23.8%) que ambos os pais consumiam. Entre os 82 adolescentes que não consomem, 52 (63.4%) indicaram que nenhum dos pais consumia, 3 (3.7%) que só a mãe consumia, 17 (20.7%) que só o pai consumia e 10 (12.2%) que ambos os pais consumiam.

Para analisar a relação entre o consumo parental e o consumo dos filhos, foi inicialmente considerada a aplicação do teste do qui-quadrado de independência. Contudo, a inspeção das frequências esperadas revelou que várias células apresentavam valores inferiores a 5, o que viola os pressupostos deste teste (Field, 2024; Marôco, 2018). Dado o incumprimento dos pressupostos, optou-se pela utilização do teste exato de Fisher, adequado para tabelas de contingência com amostras reduzidas e frequências esperadas baixas (McDonald, 2014).

Tabela 9

Relação entre consumo dos pais e dos filhos

	Valor	<i>p</i>
Teste Exato de Fisher		.10
N	103	

Os resultados indicaram que não foi encontrada uma associação estatisticamente significativa, entre o consumo parental e o consumo dos filhos, $p = .10$, $N = 103$. Apesar de não se ter verificado significância estatística, foi calculado o V de Cramer como medida de

associação, tendo-se obtido um valor de $V = .241$, o que sugere uma associação de magnitude pequena a moderada (Marôco, 2018).

3.3.Diferença entre o tipo de família e a comunicação com o pai

O presente estudo teve como objetivo comparar as médias da subescala da comunicação entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos com pais intactos, a fim de investigar possíveis diferenças na percepção da comunicação parental em função da estrutura familiar.

Relativamente aos pressupostos necessários para a realização do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, uma vez que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites recomendados. De acordo com Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade, permitindo a continuidade da análise com base neste pressuposto. Adicionalmente, foi avaliado o pressuposto da homogeneidade de variâncias através do teste de Levene. Os resultados indicaram que este pressuposto não foi cumprido ($p < .05$), pelo que foi utilizada a versão corrigida do teste t de Student, conhecida como teste de Welch, que não assume igualdade de variâncias (Field, 2024).

O teste t de Welch revelou uma diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos, $t(42.24) = -3.95, p < .001$, indicando que as médias diferem significativamente. O valor negativo da estatística t sugere que a média da comunicação do grupo com pais divorciados ($M = 2.97, DP = 1.19$) é significativamente inferior à do grupo com pais intactos ($M = 3.86, DP = .74$).

Tabela 10

Teste t para amostras independentes- COMPA Pai- Confiança

		Estatística	gl	<i>p</i>
Confiança em relação ao pai	t de Student	-4.55	101.00	<.001

Além disso, foram comparados os níveis de confiança com os pais entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos com pais intactos, com vista a identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar.

No que diz respeito aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, dado que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites aceitáveis. Segundo Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Adicionalmente, foi verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias através do teste de Levene, cujo resultado indicou que este pressuposto foi cumprido ($p > .05$), permitindo a utilização do teste t de Student tradicional (Field, 2024).

Os resultados do teste t para amostras independentes revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(101) = -4.55$, $p < .001$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 2.37$, $DP = .95$) reportaram níveis significativamente mais baixos de confiança parental em comparação com os indivíduos com pais intactos ($M = 3.21$, $DP = .83$).

Tabela 11

Teste t para amostras independentes- COMPA Pai- Afeto e Apoio Emocional

		Estatística	gl	<i>p</i>
Afeto e Apoio Emocional em relação ao pai	t de Welch	-3.63	44.25	<.001

Foram também comparadas as médias da subescala afeto e apoio emocional entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos com pais intactos, procurando identificar eventuais diferenças na percepção do afeto e apoio emocional parental em função da estrutura familiar.

Relativamente aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, uma vez que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites recomendados. De acordo com Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Contudo, tendo sido violado o pressuposto da homogeneidade de variâncias (teste de Levene, $p < .05$), recorreu-se ao teste t de Welch, uma versão corrigida do teste t de Student que não assume igualdade de variâncias (Field, 2024).

Os resultados revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(44.25) = -4.25$, $p < .001$, indicando que indivíduos com pais divorciados ($M = 2.99$, $DP = 1.31$) reportaram níveis significativamente mais baixos de afeto e apoio emocional por parte dos pais, em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 3.91$, $DP = .89$).

Tabela 12

Teste t para amostras independentes- COMPA Pai- Metacomunicação

		Estatística	gl	<i>p</i>
Metacomunicação em relação ao pai	t de Welch	-3.94	43.62	<.001

Foram ainda comparadas as médias da subescala metacomunicação entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, procurando identificar eventuais diferenças na percepção do afeto e apoio emocional parental em função da estrutura familiar.

Relativamente aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, uma vez que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites recomendados. De acordo com Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Contudo, tendo sido violado o pressuposto da homogeneidade de variâncias (teste de Levene, $p < .05$), recorreu-se ao teste t de Welch, uma versão corrigida do teste t de Student que não assume igualdade de variâncias (Field, 2024).

Os resultados revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(43.52) = 43.62, p < .001$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 2.82, DP = 1.09$) reportaram níveis significativamente mais baixos de metacomunicação por parte dos pais, em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 3.65, DP = .72$).

Tabela 13

Teste t para amostras independentes- COMPA Pai- Comunicação negativa

		Estatística	gl	<i>p</i>
Comunicação negativa em relação ao pai	t de Student	-1.71	101.00	.09

Foram também comparados os níveis de comunicação negativa com os pais entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, com vista a identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar.

No que diz respeito aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, dado que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites aceitáveis. Segundo Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade.

Adicionalmente, foi verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias através do teste de Levene, cujo resultado indicou que este pressuposto foi cumprido ($p > .05$), permitindo a utilização do teste t de Student tradicional (Field, 2024).

Os resultados do teste t para amostras independentes não revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(101) = -1.71$, $p = .09$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 3.37$, $DP = .92$) não reportaram níveis significativamente diferentes de comunicação negativa em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 3.67$, $DP = .77$).

3.4. Diferença entre o tipo de família e a comunicação com a mãe

Na tabela 14 apresentam-se os resultados em relação à comunicação dos participantes com a mãe.

Tabela 14

Teste t para amostras independentes- COMPA Mãe- Comunicação

		Estatística	gl	<i>p</i>
Comunicação em relação à mãe	t de Student	.07	101.00	.94

No que diz respeito à mãe, foram comparados os níveis de comunicação entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, com vista a identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar.

No que diz respeito aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, dado que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites aceitáveis. Segundo Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Adicionalmente, foi verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias através do teste de Levene, cujo resultado indicou que este pressuposto foi cumprido ($p > .05$), permitindo a utilização do teste t de Student tradicional (Field, 2024).

Os resultados do teste t para amostras independentes não revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(101) = .07, p = .94$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 3.98, DP = .96$) não reportaram níveis significativamente diferentes de comunicação em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 3.97, DP = .75$).

Na tabela 15 apresentam-se os resultados em relação à confiança dos participantes com a mãe.

Tabela 15

Teste t para amostras independentes- COMPA Mãe- Confiança

		Estatística	gl	<i>p</i>
Confiança em relação à mãe	t de Student	.50	101.00	.62

Foram igualmente comparados os níveis de confiança com as mães entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, com vista a identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar.

No que diz respeito aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, dado que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites aceitáveis. Segundo Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Adicionalmente, foi verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias através do teste de Levene, cujo resultado indicou que este pressuposto foi cumprido ($p > .05$), permitindo a utilização do teste t de Student tradicional (Field, 2024).

Os resultados do teste t para amostras independentes não revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(101) = .50, p = .62$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 3.76, DP = 1.05$) não reportaram níveis significativamente diferentes de confiança em comparação com os indivíduos com pais intactos ($M = 3.66, DP = .89$).

Na tabela 16 apresentam-se os resultados em relação ao afeto e apoio emocional dos participantes com a mãe.

Tabela 16

Teste t para amostras independentes- COMPA Mãe- Afeto e apoio emocional

		Estatística	gl	<i>p</i>
Afeto e apoio emocional em relação à mãe	t de Welch	-.62	48.55	.54

Foram também comparadas as médias da subescala afeto e apoio emocional com as mães entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, procurando identificar eventuais diferenças na percepção do afeto e apoio emocional parental em função da estrutura familiar.

Relativamente aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, uma vez que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites recomendados. De acordo com Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Contudo, tendo sido violado o pressuposto da homogeneidade de variâncias (teste de Levene, $p < .05$), recorreu-se ao teste t de Welch, uma versão corrigida do teste t de Student que não assume igualdade de variâncias (Field, 2024).

Os resultados não revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(48.55) = -.62$, $p = .54$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 4.06$, $DP = .99$) não reportaram níveis significativamente diferentes de afeto e apoio emocional por parte dos pais, em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 4.19$, $DP = .77$).

Na tabela 17 apresentam-se os resultados em relação à metacomunicação dos participantes com a mãe.

Tabela 17

Teste t para amostras independentes- COMPA Mãe- Metacomunicação

		Estatística	gl	<i>p</i>
Metacomunicação em relação à mãe	t de Welch	-.20	47.34	.84

Foram ainda comparadas as médias da subescala metacomunicação com as mães entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, procurando identificar eventuais diferenças na percepção do afeto e apoio emocional parental em função da estrutura familiar.

Relativamente aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, uma vez que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites recomendados. De acordo com Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Contudo, tendo sido violado o pressuposto da homogeneidade de variâncias (teste de Levene, $p < .05$), recorreu-se ao teste t de Welch, uma versão corrigida do teste t de Student que não assume igualdade de variâncias (Field, 2024).

Os resultados não revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(47.34) = -.20$, $p = .84$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 3.72$, $DP = .96$) não reportaram níveis significativamente diferentes de metacomunicação por parte dos pais, em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 3.76$, $DP = .72$).

Na tabela 18 apresentam-se os resultados em relação à comunicação negativa dos participantes com a mãe.

Tabela 18

Teste t para amostras independentes- COMPA Mãe- Comunicação negativa

		Estatística	gl	<i>p</i>
Comunicação negativa em relação à mãe	t de Student	1.29	101.00	.20

Foram, por fim, comparados os níveis de comunicação negativa de mães entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, com vista a identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar.

No que diz respeito aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, dado que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites aceitáveis. Segundo Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Adicionalmente, foi verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias através do teste de Levene, cujo resultado indicou que este pressuposto foi cumprido ($p > .05$), permitindo a utilização do teste t de Student tradicional (Field, 2024).

Os resultados do teste t para amostras independentes não revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(101) = 1.29$, $p = .20$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 3.72$, $DP = .86$) não reportaram níveis significativamente diferentes de comunicação negativa em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 3.49$, $DP = .84$).

3.5. Diferença entre o tipo de família e a vinculação com o pai

Na tabela 19, 20 e 21 apresentam-se os resultados em relação à vinculação dos participantes com o pai.

Tabela 19

Teste t para amostras independentes- QVPM Pai- Inibição da exploração e individualidade

		Estatística	gl	p
Inibição da exploração e individualidade em relação ao pai	t de Student	-.26	101.00	.80

Foram comparados os níveis da subescala “*inibição da exploração e individualidade de pais*” entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, com o objetivo de identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar (intacta vs. não intacta). Esta comparação foi realizada com base na subescala “*inibição da exploração e individualidade*” do questionário de vinculação ao pai e à mãe (QVPM), instrumento que avalia a percepção da qualidade da vinculação parental a partir de diferentes dimensões.

No que diz respeito aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, dado que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites aceitáveis. Segundo Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Adicionalmente, foi verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias através do teste de Levene, cujo resultado indicou que este pressuposto foi cumprido ($p > .05$), permitindo a utilização do teste t de Student tradicional (Field, 2024).

Os resultados do teste t para amostras independentes não revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(101) = -.26$, $p = .80$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 31.10$, $DP = 10.65$) não reportaram níveis

significativamente diferentes de inibição da exploração e individualidade em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 31.59$, $DP = 8.21$).

Tabela 20

Teste t para amostras independentes- QVPM Pai- Ansiedade de separação

		Estatística	gl	<i>p</i>
Ansiedade de separação em relação ao pai	t de Welch	-3.47	42.46	.001

Foram também comparados os níveis da subescala ansiedade de separação de pais entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, com o objetivo de identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar.

Relativamente aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, uma vez que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites recomendados. De acordo com Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Contudo, tendo sido violado o pressuposto da homogeneidade de variâncias (teste de Levene, $p < .05$), recorreu-se ao teste t de Welch, uma versão corrigida do teste t de Student que não assume igualdade de variâncias (Field, 2024).

Os resultados revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(42.46) = 42.46$, $p = .001$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 35.03$, $DP = 14.25$) reportaram níveis significativamente mais baixos de ansiedade de separação, em comparação com os indivíduos com pais intactos ($M = 44.52$, $DP = 8.97$).

Tabela 21

Teste t para amostras independentes- QVPM Pai- Qualidade do laço emocional

		Estatística	gl	<i>p</i>
Qualidade do laço emocional em relação ao pai	t de Welch	-3.95	39.29	<.001

Foram também comparados os níveis da subescala qualidade do laço emocional de pais entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, com o objetivo de identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar.

Relativamente aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, uma vez que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites recomendados. De acordo com Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Contudo, tendo sido violado o pressuposto da homogeneidade de variâncias (teste de Levene, $p < .05$), recorreu-se ao teste t de Welch, uma versão corrigida do teste t de Student que não assume igualdade de variâncias (Field, 2024).

Os resultados revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(39.29) = -3.95$, $p < .001$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 36.75$, $DP = 15.68$) reportaram níveis significativamente mais baixos de qualidade do laço emocional, em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 48.38$, $DP = 8.42$).

3.6. Diferença entre o tipo de família e a vinculação com a mãe

Na tabela 22, 23 e 24 apresentam-se os resultados em relação à vinculação dos participantes com a mãe.

Tabela 22

Teste t para amostras independentes- QVPM Mãe- Inibição da exploração e individualidade

		Estatística	gl	<i>p</i>
Inibição da exploração e individualidade em relação à mãe	t de Welch	1.74	46.84	.09

Foram posteriormente comparados os níveis da subescala inibição da exploração e individualidade das mães entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, com o objetivo de identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar.

Relativamente aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, uma vez que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites recomendados. De acordo com Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Contudo, tendo sido violado o pressuposto da homogeneidade de variâncias (teste de Levene, $p < .05$), recorreu-se ao teste t de Welch, uma versão corrigida do teste t de Student que não assume igualdade de variâncias (Field, 2024).

Os resultados não revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(46.84) = 1.74$, $p = .09$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 36.34$, $DP = 11.85$) não reportaram níveis significativamente diferentes de inibição da exploração e individualidade, em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 32.27$, $DP = 8.75$).

Tabela 23

Teste t para amostras independentes- QVPM Mãe- Ansiedade de separação

		Estatística	gl	<i>p</i>
Ansiedade de separação em relação à mãe	t de Student	-.02	101.00	.98

Foram comparados os níveis da subescala ansiedade de separação com as mães entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, com o objetivo de identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar.

No que diz respeito aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, dado que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites aceitáveis. Segundo Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Adicionalmente, foi verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias através do teste de Levene, cujo resultado indicou que este pressuposto foi cumprido ($p > .05$), permitindo a utilização do teste t de Student tradicional (Field, 2024).

Os resultados do teste t para amostras independentes não revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(101) = -0.02$, $p = .98$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 45.00$, $DP = 9.62$) não reportaram níveis significativamente diferentes de ansiedade de separação em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 47.00$, $DP = 9.20$).

Tabela 24

Teste t para amostras independentes- QVPM Mãe- Qualidade do laço emocional

		Estatística	gl	<i>p</i>
Qualidade do laço emocional em relação à mãe	t de Student	-1.30	101.00	.20

Foram comparados os níveis da subescala qualidade do laço emocional com as mães entre indivíduos com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, com o objetivo de identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar.

No que diz respeito aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, dado que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites aceitáveis. Segundo Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Adicionalmente, foi verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias através do teste de Levene, cujo resultado indicou que este pressuposto foi cumprido ($p > .05$), permitindo a utilização do teste t de Student tradicional (Field, 2024).

Os resultados do teste t para amostras independentes não revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(101) = -1.30$, $p = .20$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 46.25$, $DP = 10.29$) não reportaram níveis significativamente diferentes de qualidade do laço emocional em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 48.79$, $DP = 8.60$).

3.7. Diferença entre o tipo de família e os níveis de consumo

Na tabela 25 apresentam-se os resultados em relação ao tipo de família e ao consumo de substâncias por parte dos participantes.

Tabela 25

Teste t para amostras independentes- ASSIST

		Estatística	<i>p</i>
Total- Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test	U de Mann-Whitney	994.50	.15

Com o objetivo de analisar se existem diferenças significativas nos níveis de consumo em função do tipo de família (divorciada vs. intacta), foi inicialmente considerada a realização de um teste *t* para amostras independentes. No entanto, os pressupostos de normalidade e homogeneidade de variâncias foram violados. A verificação destes pressupostos seguiu os critérios propostos por Kline (2023), que indica que valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 são considerados aceitáveis para assumir a normalidade. Quanto à homogeneidade de variâncias, esta foi avaliada através do teste de Levene (Field, 2024). Dado que ambos os pressupostos foram violados, recorreu-se ao teste não paramétrico de Mann-Whitney (*U*), uma alternativa robusta ao teste *t* para amostras independentes que não exige distribuição normal dos dados (Marôco, 2018; Pallant, 2020).

Os resultados do teste de Mann-Whitney não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, $W = 994.5$, $p = .15$. As medianas dos níveis de consumo foram idênticas: indivíduos com pais divorciados (Med = 9, AIQ = 1.25) e indivíduos provenientes de famílias intactas (Med = 9, AIQ = 0), indicando que não há evidência de variação significativa do consumo em função da estrutura familiar.

3.8. Diferença entre o tipo de família e a forma como os adolescentes descrevem a família

Na tabela 26 apresentam-se os resultados em relação tipo de família e ao consumo de substâncias por parte dos participantes.

Tabela 26

Teste t para amostras independentes- Score-15

		Estatística	gl	<i>p</i>
Total- Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation	t de Student	1.34	101.00	.18

Foi comparada a forma como os indivíduos descrevem a família, fazendo parte de famílias com pais divorciados e indivíduos provenientes de famílias intactas, com o objetivo de identificar possíveis diferenças associadas à estrutura familiar.

No que diz respeito aos pressupostos do teste t para amostras independentes, pode considerar-se que o pressuposto da normalidade foi cumprido, dado que os valores de assimetria e curtose encontravam-se dentro dos limites aceitáveis. Segundo Kline (2023), valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 7 indicam que a distribuição dos dados não se afasta significativamente da normalidade. Adicionalmente, foi verificado o pressuposto da homogeneidade de variâncias através do teste de Levene, cujo resultado indicou que este pressuposto foi cumprido ($p > .05$), permitindo a utilização do teste t de Student tradicional (Field, 2024).

Os resultados do teste t para amostras independentes não revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $t(101) = 1.34$, $p = .18$, indicando que os indivíduos com pais divorciados ($M = 33.94$, $DP = 10.71$) não reportaram níveis significativamente diferentes de Score-15 em comparação com os indivíduos provenientes de famílias intactas ($M = 30.86$, $DP = 10.78$).

3.9. Impacto da vinculação ao pai nos níveis de consumo

Os resultados que representam o impacto da vinculação ao pai nos níveis de consumo apresentam-se na tabela 27 e na tabela 28.

Tabela 27

Medidas de Ajustamento do Modelo- Vinculação e níveis de consumo

Modelo	R	R ²	R ² Ajustado	Teste ao Modelo Global			
				F	gl1	gl2	p
1	.29	.08	.06	2.98	3	99	.04

Tabela 28

Coefficientes do Modelo- Total ASSIST

Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Intervalo de Confiança a 95%		t	p
			Lim. Inferior	Superior		
Intercepto	10.69	1.03	8.63	12.74	10.33	<.001
Inibição da exploração e individualidade em relação ao pai	.02	.02	-.02	.07	1.12	.26
Ansiedade de separação em relação ao pai	-.07	.04	-.15	.01	-1.67	.10
Qualidade do laço emocional em relação ao pai	.03	.04	-.05	.11	.68	.50

De forma a estudar o impacto dos níveis de vinculação com o pai, nos níveis de consumo dos filhos, foi efetuada uma regressão linear múltipla. Os resultados indicam que o modelo revelou-se estatisticamente significativa, $F(2,98) = 2.98$, $p = .04$, explicando aproximadamente 5% da variância nos níveis de consumo ($R^2_{\text{ajustado}} = .05$) o que corresponde a um efeito de pequena magnitude.

No que diz respeito aos preditores, os resultados indicaram que nenhuma das dimensões da vinculação ao pai se revelou estatisticamente significativa. A dimensão da “*inibição da exploração e individualidade*” apresentou um coeficiente positivo, mas não significativo, $B = .02$, $t(99) = 1.12$, $p = .26$, IC 95% $[-.02; .07]$. A dimensão da “*ansiedade de separação*” evidenciou uma tendência negativa marginal, também não significativa, $B = -.07$, $t(99) = -1.67$, $p = .10$, IC 95% $[-.15; .01]$. Já a dimensão da “*qualidade do laço emocional*” não demonstrou qualquer associação significativa com os níveis de consumo, $B = .03$, $t(99) = .68$, $p = .50$, IC 95% $[-.05 \text{ e } .11]$.

Apesar de o modelo global apresentar significância estatística, os resultados sugerem que nenhuma das variáveis independentes, por si só, contribuiu de forma significativa para a explicação dos níveis de consumo. Assim, os efeitos identificados devem ser interpretados com precaução, uma vez que a variância explicada é reduzida e os coeficientes individuais não atingem significância estatística.

3.10. Impacto da comunicação com o pai nos níveis de consumo

Os resultados que representam o impacto da comunicação ao pai nos níveis de consumo apresentam-se na tabela 29 e na tabela 30.

Tabela 29

Medidas de Ajustamento do Modelo- Comunicação e níveis de consumo

R	R ²	R ² Ajustado	Teste ao Modelo Global			
			F	gl1	gl2	<i>p</i>
.31	.09	.05	2.01	5	97	.08

Tabela 30

Coeficientes do Modelo- Total ASSIST

Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Intervalo de Confiança a 95%		t	p
			Lim. Inferior	Superior		
Intercepto	11.68	.93	9.84	13.52	12.57	<.001
Comunicação em relação ao pai	.01	.61	-1.20	1.22	.01	.99
Confiança em relação ao pai	.67	.43	-.18	1.52	1.57	.12
Afeto e apoio emocional em relação ao pai	-.08	.39	-.85	.68	-.21	.83
Metacomunicação em relação ao pai	-.37	.49	-1.34	.59	-.77	.45
Comunicação negativa em relação ao pai	-.66	.26	-1.18	-.14	-2.51	.01

De forma a estudar o impacto dos níveis de comunicação com o pai nos níveis de consumo dos filhos, foi efetuada uma regressão linear múltipla. O modelo global não se revelou estatisticamente significativo, $F(5, 97) = 2.01$, $p = .08$, explicando aproximadamente 4.7% da variância nos níveis de consumo ($R^2_{\text{ajustado}} = .05$), o que corresponde a um efeito de pequena magnitude.

No que diz respeito aos preditores, os resultados indicaram que apenas uma das dimensões da comunicação com o pai se revelou estatisticamente significativa. A dimensão “*comunicação*” apresentou um coeficiente positivo, mas não significativo, $B = .01$, $t(97) = .01$, $p = .99$, IC 95% [-1.20; 1.22]. A dimensão “*confiança*”, por sua vez, também não apresentou significância estatística, embora com uma tendência positiva, $B = .67$, $t(97) = 1.57$, $p = .12$, IC 95% [-.18; 1.52]. Já a dimensão “*afeto e apoio emocional*” evidenciou um coeficiente ligeiramente negativo, mas não significativo, $B = -.08$, $t(97) = -.21$, $p = .83$, IC 95% [-.85; .68]. A dimensão da “*metacomunicação*” também não demonstrou associação significativa com os níveis de consumo, $B = -.37$, $t(97) = -.77$, $p = .45$, IC 95% [-1.34; .59].

Por outro lado, a única dimensão que apresentou um contributo estatisticamente significativo foi a da “*comunicação negativa*”, que revelou uma associação negativa com os níveis de consumo, $B = -.66$, $t(97) = -2.51$, $p = .01$, IC 95% $[-1.18; -.14]$, indicando que quanto maior for a percepção de comunicação negativa com o pai, menor tende a ser o nível de consumo dos filhos.

Apesar de o modelo global não apresentar significância estatística, os resultados sugerem que a comunicação negativa com o pai constitui um preditor significativo dos níveis de consumo. Ainda assim, os efeitos devem ser interpretados com precaução, dado o reduzido valor do R^2_{ajustado} e a não significância global do modelo.

3.11. Impacto da vinculação a mãe nos níveis de consumo

Os resultados que representam o impacto da vinculação à mãe nos níveis de consumo apresentam-se na tabela 31 e na tabela 32.

Tabela 31

Medidas de Ajustamento do Modelo- Vinculação e níveis de consumo

Modelo	R	R^2	R^2 Ajustado	Teste ao Modelo Global			
				F	gl1	gl2	p
1	.32	.10	.07	3.64	3	99	.02

Tabela 32

Coeficientes do Modelo- Total ASSIST

Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Intervalo de Confiança a 95%		t	p
			Lim. Inferior	Superior		
Intercepto	12.10	1.22	9.67	14.52	9.90	<.001
Inibição da exploração e individualidade e em relação à mãe	.01	.02	-.03	.05	.71	.48
Ansiedade de separação em relação à mãe	-.08	.04	-.16	.002	-1.94	.06
Qualidade do laço emocional em relação à mãe	.02	.04	-.07	.10	.38	.70

De forma a estudar o impacto da vinculação com a mãe nos níveis de consumo dos filhos, foi efetuada uma regressão linear múltipla. Os resultados indicam que o modelo global se revelou estatisticamente significativo, $F(3, 99) = 3.64$, $p = .02$, explicando aproximadamente 7.2% da variância nos níveis de consumo ($R^2_{\text{ajustado}} = .07$), o que corresponde a um efeito de pequena magnitude.

No que diz respeito aos preditores, nenhuma das dimensões da vinculação à mãe se revelou estatisticamente significativa de forma isolada. A dimensão da “*inibição da exploração e individualidade*” apresentou um coeficiente positivo, mas não significativo, $B = .01$, $t(99) = .71$, $p = .48$, IC 95% $[-.03; .05]$. A ansiedade face à separação revelou uma tendência negativa marginal, próxima da significância estatística, $B = -.08$, $t(99) = -1.94$, $p = .06$, IC 95% $[-.16; .00]$. Por fim, a “*qualidade do laço emocional*” não demonstrou qualquer associação significativa com os níveis de consumo, $B = .02$, $t(99) = .38$, $p = .70$, IC 95% $[-.07; .10]$.

Apesar de o modelo global apresentar significância estatística, os resultados sugerem que nenhuma das variáveis independentes contribuiu individualmente de forma significativa para a explicação dos níveis de consumo. Assim, os efeitos identificados devem ser

interpretados com cautela, uma vez que a variância explicada é reduzida e os coeficientes dos preditores não atingem significância estatística.

3.12. Impacto da comunicação com a mãe nos níveis de consumo

Os resultados que representam o impacto da comunicação à mãe nos níveis de consumo apresentam-se na tabela 33 e na tabela 34.

Tabela 33

Medidas de Ajustamento do Modelo- Comunicação e níveis de consumo

R	R ²	R ² Ajustado	Teste ao Modelo Global			
			F	gl1	gl2	p
.26	.07	.02	1.42	5	97	.23

Tabela 34

Coefficientes do Modelo- Total ASSIST

Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Intervalo de Confiança a 95%		t	p
			Lim. Inferior	Superior		
Intercepto	11.74	1.12	9.53	13.96	10.53	<.001
Comunicação em relação à mãe	-.04	.54	-1.10	1.02	-.08	.94
Confiança em relação à mãe	-.40	.43	-1.25	.45	-.93	.36
Afeto e apoio emocional em relação à mãe	.37	.40	-.43	1.17	.91	.37
Metacomunicação em relação à mãe	-.26	.52	-1.29	.76	-.51	.61
Comunicação negativa em relação à mãe	-.24	.26	-.75	.27	-.94	.35

De forma a estudar o impacto da comunicação com a mãe nos níveis de consumo dos filhos, foi efetuada uma regressão linear múltipla. Os resultados indicam que o modelo global não se revelou estatisticamente significativo, $F(5, 97) = 1.42$, $p = .23$, explicando apenas cerca

de 2% da variância nos níveis de consumo ($R^2_{\text{ajustado}} = .02$), o que representa um efeito de magnitude muito reduzida.

No que diz respeito aos preditores, nenhuma das dimensões da comunicação com a mãe se revelou estatisticamente significativa. A dimensão da “*comunicação*” apresentou um coeficiente negativo, mas não significativo, $B = -.04$, $t(97) = -.08$, $p = .94$, IC 95% $[-1.10; 1.02]$. A “*confiança*” revelou igualmente um coeficiente negativo não significativo, $B = -.40$, $t(97) = -.93$, $p = .36$, IC 95% $[-1.25; .45]$. A dimensão do “*afeto e apoio emocional*” apresentou um coeficiente positivo, mas não significativo, $B = .37$, $t(97) = .91$, $p = .37$, IC 95% $[-0.43; 1.17]$. A “*metacomunicação*”, $B = -.26$, $t(97) = -.51$, $p = .61$, IC 95% $[-1.29; .76]$, e a “*comunicação negativa*”, $B = -.24$, $t(97) = -.94$, $p = .35$, IC 95% $[-.75; .27]$, também não apresentaram associações significativas com os níveis de consumo.

Assim, os resultados sugerem que nem o modelo global nem os preditores individuais explicam de forma significativa os níveis de consumo dos filhos a partir da comunicação com a mãe. Estes achados devem ser interpretados com cautela, uma vez que a variância explicada é muito reduzida e nenhuma dimensão da comunicação apresentou significância estatística.

3.13. Relacionar se os níveis de consumo dos filhos variam consoante o consumo, ou a ausência dele, por parte dos pais

Inicialmente, foi considerada a realização de uma análise de variância (ANOVA) para examinar se os níveis de consumo dos filhos diferem consoante o consumo dos pais. No entanto, os pressupostos de normalidade e homogeneidade das variâncias, essenciais à validade deste teste paramétrico (Field, 2024), não se verificaram. Assim, optou-se pela utilização do teste de Kruskal-Wallis, uma alternativa não paramétrica apropriada para comparar três ou mais grupos independentes quando tais pressupostos são violados (Marôco, 2018).

Os resultados do teste de Kruskal-Wallis indicaram que não existiam diferenças estatisticamente significativas nos níveis de consumo dos filhos entre os grupos definidos pelo consumo dos pais, $\chi^2(3) = 5.42$, $p = .14$, $\varepsilon^2 = .05$. O tamanho do efeito corresponde a um efeito pequeno (Tomczak & Tomczak, 2014).

4. Discussão

Apesar de, no presente estudo, não se terem encontrado diferenças significativas entre o tipo de família e os níveis de consumo de substâncias por parte dos jovens, a literatura existente aponta, de forma geral, para uma relação entre a configuração familiar e o consumo. Diversos estudos indicam que os jovens provenientes de famílias intactas tendem a apresentar níveis mais baixos de experimentação e consumo de substâncias, funcionando este tipo de estrutura familiar como um fator protetor, ainda que os resultados nem sempre sejam consensuais. Por exemplo, Paxton, Valois e Drane (2007) observaram que tanto raparigas como rapazes que vivem com ambos os progenitores reportam menores níveis de experimentação com álcool, tabaco e cannabis, quando comparados com jovens oriundos de outras configurações familiares, sendo este efeito especialmente evidente no caso das raparigas.

No presente estudo, não foi encontrada uma relação direta entre o consumo parental e o consumo de substâncias por parte dos filhos, o que sugere que, por si só, o comportamento dos pais pode não ser determinante para o início ou manutenção do consumo nos jovens. No entanto, a literatura aponta resultados opostos que podem ser explicados por múltiplos fatores, entre os quais o efeito de modelagem ou imitação dos comportamentos parentais. Para além disso, deve ser considerada a possível influência de uma predisposição genética para a dependência química, hipótese que tem vindo a ser explorada em diversos estudos. A dependência de substâncias pode ter um componente hereditário, sendo transmissível de pais para filhos, o que pode ajudar a compreender a persistência de comportamentos aditivos em determinadas famílias, mesmo na ausência de influência direta do ambiente familiar imediato (Wang et al, 2012).

Os resultados indicam que, em contextos de divórcio, há uma diminuição da qualidade da relação entre os filhos e os pais, refletida em níveis mais baixos de comunicação, confiança, afeto emocional e metacomunicação. No entanto, quando analisada a relação com a mãe, estas

diferenças não se verificam. Independentemente do estado civil, os jovens relatam manter uma boa comunicação, confiança e apoio emocional com as mães.

Relativamente à vinculação, os resultados mostram que, tanto no caso do pai como da mãe, não se verificam diferenças significativas entre famílias intactas e famílias divorciadas no que diz respeito à inibição da exploração e da individualidade. Isto sugere que o estado civil dos pais não parece influenciar diretamente a percepção que os jovens têm da sua autonomia e capacidade de explorar o mundo de forma segura. Contudo, no que se refere à ansiedade de separação, os dados revelam diferenças interessantes. Os jovens relataram sentir maior ansiedade de separação em relação aos pais quando estes estão juntos, comparativamente aos pais divorciados. Este resultado pode ser interpretado à luz da maior presença e envolvimento quotidiano dos pais em contextos de coabitação, o que pode intensificar a percepção da possível perda ou distância. No caso específico das mães, não foram encontradas diferenças significativas entre famílias intactas e divorciadas no que diz respeito à ansiedade de separação; no entanto, os jovens reportaram níveis mais elevados de ansiedade de separação com as mães do que com os pais. Este dado reforça a ideia de que a figura materna continua a ser percebida como a principal fonte de segurança emocional, independentemente da configuração familiar. Relativamente à qualidade do laço emocional, os jovens percebem uma menor qualidade na relação com os pais em contextos de divórcio, comparativamente aos pais de famílias intactas. Esta diferença não foi observada no caso das mães, sendo que os jovens relataram manter uma percepção semelhante da qualidade do laço emocional com as mães, independentemente do estado civil parental. Estes resultados parecem confirmar a tendência já identificada noutros domínios da relação pais-filhos, em que a figura materna mantém uma maior estabilidade emocional e relacional após a separação, ao passo que a figura paterna tende a experienciar maior distanciamento emocional. Culturalmente, a mãe é vista como a principal responsável pelo cuidado direto da criança- envolvendo-se mais na educação,

na saúde, no afeto e no acompanhamento diário. Já ao pai é, muitas vezes, atribuído o papel de provedor financeiro e de referência moral. Estes papéis são construções socioculturais influenciadas pelos papéis de gênero, embora também possam ter uma base biológica (Prado A.B., 20005). Assim, mesmo após o divórcio, o papel de cuidado associado à mãe tende a manter-se, o que pode explicar a continuidade da relação positiva relatada pelos jovens. No caso do pai, a distância física e emocional que muitas vezes surge após a separação pode comprometer a qualidade da relação, traduzindo-se numa comunicação e vínculo emocional menos presentes.

Apesar dos resultados obtidos nas análises anteriores, verifica-se que os jovens tendem a descrever a sua família de forma semelhante, independentemente de os pais estarem juntos ou divorciados.

Embora o modelo global tenha apresentado significância estatística, os resultados indicam que nenhuma das variáveis independentes relacionadas com a vinculação (à mãe ou ao pai) contribuiu, de forma individual, para a explicação dos níveis de consumo de substâncias por parte dos jovens. No caso específico da comunicação com o pai, apesar de o modelo global não ter alcançado significância estatística, verificou-se que a comunicação negativa com a figura paterna surgiu como um preditor significativo dos níveis de consumo. Relativamente à comunicação com a mãe, nem o modelo global nem os preditores individuais apresentaram significância estatística, sugerindo que, neste caso, as dimensões comunicacionais avaliadas não explicam, de forma significativa, os níveis de consumo dos jovens. Estes resultados sugerem que o consumo de substâncias na adolescência pode não estar diretamente associado à qualidade da relação que os jovens mantêm com os pais, seja ao nível da vinculação ou da comunicação. A este respeito, importa considerar que o comportamento de consumo, nesta fase do desenvolvimento, é influenciado por um conjunto alargado de fatores. Para além das dinâmicas familiares, os adolescentes enfrentam conflitos internos, muitas vezes marcados por

instabilidade emocional, procura de identidade e necessidade de pertença. Como referem Silber e Souza (1998), o consumo de substâncias pode surgir como uma resposta simbólica a um contexto social e cultural em crise, funcionando como uma forma de lidar com tensões sentidas no seio da família, na escola ou nos grupos de pares. Assim, a adolescência é compreendida como uma etapa turbulenta, mas essencial à construção da identidade individual. O uso de substâncias como a canábis, por exemplo, pode ser percebido pelo jovem como uma forma de aliviar temporariamente o mal-estar vivido, ainda que traga consequências potencialmente negativas a médio e longo prazo.

Deste modo, torna-se fundamental investir em medidas preventivas que não se limitem a estratégias punitivas ou educativas, mas que integrem uma compreensão profunda das vivências e necessidades específicas dos adolescentes, promovendo o seu bem-estar emocional e social durante esta fase crítica do desenvolvimento.

5. Conclusão

Ao longo deste estudo, procurou-se analisar o impacto da dinâmica familiar no consumo de substâncias por parte dos adolescentes, com especial foco nas dimensões da vinculação e da comunicação com as figuras parentais. Com base nos dados recolhidos e analisados, foi possível identificar tendências que, embora não confirmem algumas expectativas teóricas, contribuem de forma relevante para a reflexão sobre o tema.

Contrariamente ao que grande parte da literatura sugere, os resultados deste estudo indicam que nem a qualidade da vinculação, nem o estilo de comunicação parental, nem mesmo o eventual consumo de substâncias por parte dos pais se revelaram preditores significativos do consumo por parte dos filhos. Esta ausência de associação estatisticamente significativa levanta questões importantes relativamente à influência direta dos contextos familiares, nomeadamente sobre a ideia de "espelhamento" dos comportamentos parentais pelos filhos.

Estes resultados sugerem que o consumo de substâncias na adolescência poderá estar mais relacionado com aspetos internos e individuais- como a gestão emocional- e com fatores externos ao núcleo familiar, como o contexto sociocultural, os pares ou a escola. Perante isto, torna-se evidente a importância de investir na promoção do bem-estar emocional dos adolescentes, através de intervenções preventivas que vão além da família e que considerem a complexidade dos fatores envolvidos.

Por fim, este estudo revelou-se particularmente interessante por desafiar algumas das premissas da literatura existente, abrindo caminho para futuras investigações que aprofundem estas questões. A relação entre ambiente familiar e comportamentos de risco continua a ser um campo fértil para estudo, exigindo abordagens multidimensionais e metodologias que permitam captar a complexidade da experiência adolescente.

Como acontece em qualquer investigação científica, este estudo não está isento de limitações. Uma das principais diz respeito ao tamanho da amostra, que foi relativamente

reduzido em relação ao total de estudantes com idade entre os 12 e os 15 anos, o que pode comprometer a generalização dos resultados. Além disso, a utilização de questionários de autorrelato pode ter introduzido algum viés de desejabilidade social nas respostas. Também a sensibilidade do tema em análise- o consumo de substâncias- pode ter influenciado a abertura dos participantes, nomeadamente dos adolescentes, em partilhar informações fidedignas. Por se tratar de um assunto potencialmente estigmatizante e associado a consequências sociais e familiares, é compreensível que alguns participantes tenham optado por omitir ou minimizar determinadas experiências. Adicionalmente, importa referir que muitos adolescentes podem não ter consciência do eventual consumo de substâncias por parte das figuras parentais, o que limita a sua capacidade de fornecer dados completos ou precisos sobre a dinâmica familiar neste domínio. Esta limitação deve ser considerada na interpretação dos resultados, uma vez que pode afetar a validade de algumas associações encontradas entre os comportamentos de risco e os padrões de vinculação familiar.

Tendo em conta os resultados obtidos e algumas questões que emergiram da análise dos dados, considera-se pertinente que investigações futuras possam aprofundar determinadas áreas que não foram totalmente exploradas no presente estudo. Em particular, seria relevante compreender:

- Por que motivo os filhos tendem a relatar menos emoções positivas, como apoio emocional e qualidade da comunicação, na relação com os pais (figuras paternas) em comparação com as mães;
- Por que razão, ao nível estatístico, não se observaram diferenças significativas na relação com as mães, independentemente de se tratar de famílias intactas ou divorciadas, contrastando com o padrão encontrado na relação com os pais;
- Como o consumo dos pais não afeta o consumo dos filhos;

- Porque é que, especificamente no caso de pais do sexo masculino, os adolescentes reportam sentir menos apoio e afeto quando os pais se encontram separados, em comparação com contextos familiares intactos.

Estas questões poderão ser investigadas em estudos com metodologias complementares, nomeadamente abordagens qualitativas que permitam aceder mais profundamente às perceções subjetivas dos jovens e compreender os fatores relacionais, culturais ou contextuais que possam estar na base destas diferenças. Além disso, futuras investigações poderão considerar uma análise diferenciada do papel das figuras parentais em função do género, da residência principal do jovem e da qualidade da coparentalidade após a separação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberastury, A. K., & Normal, M. A. (1981). um enfoque psicanalítico. *Porto Alegre: Artmed*, 2.
- Ahrons, C. R. (2007). Family ties after divorce: Long-term implications for children. *Family process*, 46(1), 53-65. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2006.00191.x>
- Ahrons, C. (1994). O bom divórcio. Como manter a família unida quando o casamento acaba. *Rio de Janeiro: Objetiva*.
- Ahrons, C. R., & Miller, R. B. (1993). The effect of the postdivorce relationship on paternal involvement: A longitudinal analysis. *American Journal of Orthopsychiatry*, 63(3), 441-450. <https://doi.org/10.1037/h0079446>
- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist*, 44(4), 709. <https://doi.org/10.1037//0003-066x.44.4.709>
- Ainsworth, M. D. S. (1967). Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love. <https://doi.org/10.1542/peds.41.3.700a>
- Alarcão, M. (2006). (Des)equilíbrios familiares-Uma visão sistémica, 3a edição. *Coimbra: Quarteto Editora*.
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence.
- Almeida, N., & Monteiro, S. (2012). Os meus pais já não vivem juntos: intervenção em grupo com crianças e jovens de pais divorciados.
- Aquilino, W. S. (2006). The noncustodial father–child relationship from adolescence into young adulthood. *Journal of Marriage and Family*, 68(4), 929-946. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2006.00305.x>
- Atalaia, S. (2015). Famílias recompostas em Portugal. In *Atas do VIII Congresso Português de Sociologia. 40 anos de democracias: progressos, contradições e perspectivas, área temática Famílias e Curso de Vida*. APS. Associação Portuguesa de Sociologia.

- Beckmeyer, J. J., Coleman, M., & Ganong, L. H. (2014). Postdivorce coparenting typologies and children's adjustment. *Family Relations*, 63(4), 526-537.
<https://doi.org/10.1111/fare.12086>
- Bergman, K. N., Cummings, E. M., & Warmuth, K. A. (2016). Constructiveness and resolution as predictors of positive child outcomes. *Contexts for young child flourishing: Evolution, family, and society*, 233.
- Bird, Y., Moraros, J., Olsen, L. K., Coronado, G. D., & Thompson, B. (2006). Adolescents' smoking behaviors, beliefs on the risks of smoking, and exposure to ETS in Juarez, Mexico. *American journal of health behavior*, 30(4), 435-446.
<https://doi.org/10.5993/AJHB.30.4.9PMid:16787133>
- Birnbaum, R., & McTavish, W. A. (2001). *Post-separation Visitation Disputes: Differential Interventions: Background Paper*. Department of Justice Canada.
- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, 17-33.
<https://doi.org/10.1590/0104-4060.44615>
- Botti, N. C. L., de Lima, A. F. D., & Simões, W. M. B. (2010). Uso de substâncias psicoativas entre acadêmicos de enfermagem da Universidade Católica de Minas Gerais. *SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas*, 6(1), 1-13.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. Basic books. <https://doi.org/10.5860/choice.26-4750>
- Brandão, T., Brites, R., Hipólito, J., & Nunes, O. (2022). Attachment orientations and family functioning: The mediating role of emotion regulation. *The Journal of Psychology*, 157(1), 1-12. <https://doi.org/10.1080/00223980.2022.2128284>

- Branje, S. (2018). Development of parent–adolescent relationships: Conflict interactions as a mechanism of change. *Child development perspectives*, 12(3), 171-176.
<https://doi.org/10.1111/cdep.12278>
- Brener, N. D., Kann, L., Shanklin, S., Kinchen, S., Eaton, D. K., Hawkins, J., & Flint, K. H. (2013). Methodology of the youth risk behavior surveillance system—
2013. *Morbidity and Mortality Weekly Report: Recommendations and Reports*, 62(1), 1-20.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard university press. <https://doi.org/10.4159/9780674028845>
- Bruner, J. (1990). *Acts of meaning: Four lectures on mind and culture* (Vol. 3). Harvard university press. <https://doi.org/10.1017/s0033291700030555>
- Buist, K. L., Deković, M., Meeus, W., & Van Aken, M. A. (2002). Developmental patterns in adolescent attachment to mother, father and sibling. *Journal of youth and adolescence*, 31, 167-176. <https://doi.org/10.1023/a:1015074701280>
- Cabecinha, C. P. (2023). *Práticas Parentais e o Comportamento Antissocial na Adolescência* (Master's thesis, Egas Moniz School of Health and Science (Portugal)).
- Canavarro, M. C. S. (1999). *Relações afectivas e saúde mental: Uma abordagem ao longo do ciclo de vida*.
- Carnut, L., & Faquim, J. P. S. (2014). Conceitos de família e a tipologia familiar: aspectos teóricos para o trabalho da equipe de saúde bucal na estratégia de saúde da família. *JMPHC| Journal of Management & Primary Health Care| ISSN 2179-6750*, 5(1), 62-70. <https://doi.org/10.14295/jmphc.v5i1.198>
- Claes, M., Lacourse, E., Ercolani, A. P., Pierro, A., Leone, L., & Presaghi, F. (2005). Parenting, peer orientation, drug use, and antisocial behavior in late adolescence: A

- cross-national study. *Journal of Youth and Adolescence*, 34, 401-411.
<https://doi.org/10.1007/s10964-005-7258-8>
- Coln, K. L., Jordan, S. S., & Mercer, S. H. (2013). A unified model exploring parenting practices as mediators of marital conflict and children's adjustment. *Child Psychiatry & Human Development*, 44(3), 419-429. <https://doi.org/10.1007/s10578-012-0336-8>
- Costa, J. F. (2004). O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2011). *Marital conflict and children: An emotional security perspective*. Guilford Press. <https://doi.org/10.1002/icd.722>
- Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C., & Papp, L. M. (2016). Couple conflict, children, and families: It's not just you and me, babe. In *Couples in conflict* (pp. 117-147). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781410600134-17>
- Cunha, C., Soares, M., Veríssimo, L., & Matos, R. (2015). Família, pares e delinquência juvenil: Análise de diferentes percursos de reincidência. *Revista de Psicologia*, 24(2).
<https://doi.org/10.5354/0719-0581.2015.38134>
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2013). A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando famílias*, 17(1), 28-40.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica—o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, (19), 139-156.
<https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2011.140>
- Diogo, C. F. (2014). *Estudo da relação entre a Vinculação aos pais e Problemas de Comportamento reportados por Crianças de 9-12 anos* (Master's thesis, Universidade de Coimbra (Portugal)).
- Do Amaral Costa, C. L. N., & de Brito Santos, M. (2013). O uso de drogas na adolescência. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE*, 1(3), 143-150.

- Deković, M., Wissink, I. B., & Meijer, A. M. (2004). The role of family and peer relations in adolescent antisocial behaviour: comparison of four ethnic groups. *Journal of adolescence*, 27(5), 497-514. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2004.06.010>
- Drabble, L., Trocki, K. F., Salcedo, B., Walker, P. C., & Korcha, R. A. (2016). Conducting qualitative interviews by telephone: Lessons learned from a study of alcohol use among sexual minority and heterosexual women. *Qualitative social work*, 15(1), 118-133. <https://doi.org/10.1177/1473325015585613>.
- Dworkin, J. (2005). Risk taking as developmentally appropriate experimentation for college students. *Journal of adolescent research*, 20(2), 219-241. <https://doi.org/10.1177/0743558404273073>
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological bulletin*, 118(1), 108. <https://doi.org/10.1037//0033-2909.118.1.108> <https://doi.org/10.1037//0033-2909.118.1.108>
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. *Como se perpetua a família*, 25-46.
- Faria, N. (2023). Famílias monoparentais e reconstituídas já representam 27,3% das famílias portuguesas. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/01/24/sociedade/noticia/familias-monoparentais-reconstituidas-ja-representam-273-familias-portuguesas-2036206>
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: a framework for prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 5 (3), 173- 195.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24, 297-304. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000300001>

- Ferrante, J. A. (2005). Coparenting in intact and divorced families: Its impact on young adult adjustment. <https://doi.org/10.1080/10502550802231924>
- Few-Demo, A. L., Humble, Á. M., Curran, M. A., & Lloyd, S. A. (2016). Queer theory, intersectionality, and LGBT-parent families: Transformative critical pedagogy in family theory. *Journal of Family Theory & Review*, 8(1), 74-94.
<https://doi.org/10.1111/jftr.12127>
- Field, A. (2024). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics*. Sage publications limited.
- Fleming, M. (2005). A saída de casa: A separação da família na pós adolescência. *População e Sociedade*, 12, 59-81.
- Fletcher, A. C., Steinberg, L., & Sellers, E. B. (1999). Adolescents' well-being as a function of perceived interparental consistency. *Journal of Marriage and the Family*, 599-610.
<https://doi.org/10.2307/353563>
- Freeman, H., & Brown, B. B. (2001). Primary attachment to parents and peers during adolescence: Differences by attachment style. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(6), 653-674. <https://doi.org/10.1023/a:1012200511045>
- Gähler, M. (2006). “To divorce is to die a bit...”: A longitudinal study of marital disruption and psychological distress among Swedish women and men. *The Family Journal*, 14(4), 372-382. <https://doi.org/10.1177/1066480706290145>
- George, C., & Solomon, J. (2008). The caregiving system: A behavioral systems approach to parenting. *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*, 2, 833-856.
- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., Harold, G. T., & Shelton, K. H. (2003). Categories and continua of destructive and constructive marital conflict tactics from the perspective of US and Welsh children. *Journal of family psychology*, 17(3), 327.
<https://doi.org/10.1037/0893-3200.17.3.327>

- Goldsmid, R., & Carneiro, T. F. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, 13(2), 293-293.
- Gould, J. W., & Martindale, D. A. (2007). *The art and science of child custody evaluations*. Guilford Press. <https://doi.org/10.1080/07317100903099308>
- Groenendyk, A. E., & Volling, B. L. (2007). Coparenting and early conscience development in the family. *The Journal of genetic psychology*, 168(2), 201-224.
<https://doi.org/10.3200/gntp.168.2.201-224>
- Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). O envolvimento parental após a separação/divórcio. *Psicologia: reflexão e crítica*, 23, 289-298.
<https://doi.org/10.1590/s0102-79722010000200011>
- Guedes, D. P., & Lopes, C. C. (2010). Validation of the Brazilian version of the 2007 youth risk behavior survey. *Revista de Saúde Pública*, 44, 840-850.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102010000500009>
- Guerreiro, M. D. D., Caetano, A., & Rodrigues, E. A. (2008). A família (d) escrita pelos jovens: permanência e mudança de modelos de paternidade. *Configurações. Revista Ciências Sociais*, (4), 115-126. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.516>
- Hack, S. M. P. K., & Ramires, V. R. R. (2010). Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. *Psicologia Clínica*, 22, 85-97.
<https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000100006>
- Hameister, B. D. R., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2015). Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática do efeito spillover. *Arquivos brasileiros de psicologia. Rio de Janeiro. Vol. 67, n. 2 (2015), p. 140-155*.
- Hamilton, E., Carr, A., Cahill, P., Cassells, C., & Hartnett, D. (2015). Psychometric properties and responsiveness to change of 15-and 28-item versions of the SCORE: A

- family assessment questionnaire. *Family process*, 54(3), 454-463.
<https://doi.org/10.1111/famp.12117>
- Hannum, J. W., & Dvorak, D. M. (2004). Effects of family conflict, divorce, and attachment patterns on the psychological distress and social adjustment of college freshmen. *Journal of College student development*, 45(1), 27-42.
<https://doi.org/10.1353/csd.2004.0008>
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological inquiry*, 5(1), 1-22.
https://doi.org/10.1207/s15327965pli0501_1
- Heegaard, M. (1998). *Quando os pais se separam: as crianças podem aprender a lidar com a tristeza do divórcio*. Artmed.
- Hetherington, E. M. (2002). 'For Better or For Worse': Divorce Reconsidered. *Marriage, Families & Spirituality*, 8(2), 178-192. <https://doi.org/10.2143/int.8.2.2004434>
- Hockenberry, J. M., Timmons, E. J., & Vander Weg, M. (2010). Smoking, parent smoking, depressed mood, and suicidal ideation in teens. *Nicotine & Tobacco Research*, 12(3), 235-242. <https://doi.org/10.1093/ntr/ntp199PMid:20100809>
- Houseknecht, S. K., & Hango, D. W. (2006). The impact of marital conflict and disruption on children's health. *Youth & Society*, 38(1), 58-89.
<https://doi.org/10.1177/00441118x06287862>
- Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T., & Soares, I. (2007). Vinculação na adolescência. *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*, 99-120.
- Jensen, A. C., Killoren, S. E., Campione-Barr, N., Padilla, J., & Chen, B. B. (2023). Sibling relationships in adolescence and young adulthood in multiple contexts: A critical

- review. *Journal of Social and Personal Relationships*, 40(2), 384-419.
<https://doi.org/10.1177/02654075221104188>
- Juras, M. M., & Costa, L. F. (2011). O divórcio destrutivo na perspectiva de filhos com menos de 12 anos. *Estilos da clínica*, 16(1), 222-245.
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v16i1p222-245>
- Keijsers, L., & Poulin, F. (2013). Developmental changes in parent–child communication throughout adolescence. *Developmental psychology*, 49(12), 2301.
<https://doi.org/10.1037/a0032217>
- Kelly, J. B. (2003). Changing perspectives on children's adjustment following divorce: A view from the United States. *Childhood*, 10(2), 237-254.
<https://doi.org/10.1177/0907568203010002008>
- Kipping, R. R., Campbell, R. M., MacArthur, G. J., Gunnell, D. J., & Hickman, M. (2012). Multiple risk behaviour in adolescence. *Journal of Public Health*, 34.
<https://doi.org/10.1093/pubmed/fdr122>
- Kobarg, A. P. R., Vieira, V., & Vieira, M. L. (2010). Validação da escala de lembranças sobre práticas parentais (EMBU). *Avaliação psicológica*, 9(1), 77-85.
- Laible, D. J., Carlo, G., & Raffaelli, M. (2000). The differential relations of parent and peer attachment to adolescent adjustment. *Journal of Youth and adolescence*, 29(1), 45-59.
<https://doi.org/10.1023/A:1005169004882>
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American zoologist*, 883-894. <https://doi.org/10.1093/icb/25.3.883>
- Lamela, D., & Figueiredo, B. (2016). Coparenting after marital dissolution and children's mental health: a systematic review. *Jornal de pediatria*, 92, 331-342.
<https://doi.org/10.1016/j.jped.2015.09.011>

- Lamela, D., Figueiredo, B., & Bastos, A. (2010). Adaptação ao divórcio e relações coparentais: contributos da teoria da vinculação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 562-574. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000300017>
- Lamela, D., Figueiredo, B., Bastos, A., & Feinberg, M. (2013). Post-divorce coparenting profiles and parents' well-being, parenting, family functioning, and children's psychological adjustment.
- Lansford, J. E. (2009). Parental divorce and children's adjustment. *Perspectives on psychological science*, 4(2), 140-152. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6924.2009.01114.x>
- Liu, L., Wang, N., & Tian, L. (2019). The parent-adolescent relationship and risk-taking behaviors among Chinese adolescents: The moderating role of self-control. *Frontiers in psychology*, 10, 542. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00542>
- Maccoby, E. E., Depner, C. E., & Mnookin, R. H. (1990). Coparenting in the second year after divorce. *Journal of Marriage and the Family*, 141-155. <https://doi.org/10.2307/352846>
- Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics.: 7ª edição*. ReportNumber, Lda.
- Matos, P. M. (2002). *(Des) continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Universidade do Porto (Portugal).
- McConnell, M. C., & Kerig, P. K. (2002). Assessing coparenting in families of school-age children: Validation of the Coparenting and Family Rating System. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 34(1), 44. <https://doi.org/10.1037/h0087154>
- McDonald, R. P. (2014). *Factor analysis and related methods*. Psychology Press.
- McHale, J. P. (1997). Overt and covert coparenting processes in the family. *Family process*, 36(2), 183-201. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1997.00183.x>

- McHale, J. P., Kuersten-Hogan, R., & Rao, N. (2004). Growing points for coparenting theory and research. *Journal of adult development*, 11, 221-234.
<https://doi.org/10.1023/b:jade.0000035629.29960.ed>
- Machado, T. S. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. *Comportamento anti-social e crime. Da infância à idade adulta*, 291-321.
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of family Psychology*, 15(1), 3.
<https://doi.org/10.1037//0893-3200.15.1.3>
- Marinho, S. (2014). Famílias Monoparentais em Portugal: linhas de continuidade e de transformação nas duas últimas décadas. In *VIII Congresso Português de Sociologia*.
- Martins, A. I. R. (2010). *Impacto do divórcio parental no comportamento dos filhos. Factores que contribuem para uma melhor adaptação. Implicações Médico-legais* (Master's thesis, Universidade do Porto (Portugal)).
- Masterci, F., Lazzeri, M. F. L., Vassalle, C., & Pingitore, A. (2024). The transition from childhood to adolescence: Between health and vulnerability. *Children*, 11(8), 989.
<https://doi.org/10.3390/children11080989>
- Mata, J. J. D., Santos, M. A. D., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Conjugalidade e parentalidade em casais homossexuais e heterossexuais: revisão integrativa da literatura. *Pensando familias*, 24(2), 32-45.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos.
- McCoy, K. P., George, M. R., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2013). Constructive and destructive marital conflict, parenting, and children's school and social adjustment. *Social Development*, 22(4), 641-662. <https://doi.org/10.1111/sode.12015>

- McGene, J., & King, V. (2012). Implications of new marriages and children for coparenting in nonresident father families. *Journal of Family Issues*, 33(12), 1619-1641.
<https://doi.org/10.1177/0192513x12437150>
- McGoldrick, M., Watson, M., McGoldrick, M., Carter, B., & Garcia-Preto, N. (2011). Siblings and the life cycle. *The expanded family lyfe cycle: individual, family and social perspectives*. Boston: Pearson Education, 149-162.
- Minuchin, S., & Fishman, H. (1985). Técnicas de terapia familiar.
<https://doi.org/10.4159/9780674041110>
- Modecki, K. L., Hagan, M. J., Sandler, I., & Wolchik, S. A. (2015). Latent profiles of nonresidential father engagement six years after divorce predict long-term offspring outcomes. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 44(1), 123-136.
<https://doi.org/10.1080/15374416.2013.865193>
- Moreira, A. R. C. P. (2011). Ambientes da infância e a formação do educador: arranjo espacial no berçário.
- Mota, C. P. (2008). *Dimensões relacionais no processo de adaptação psicossocial de adolescentes: vulnerabilidade e resiliência em institucionalização, no divórcio e em famílias intactas* (Doctoral dissertation, Universidade do Porto (Portugal)).
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). A concepção de família de uma mulher-mãe de vítimas de incesto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 395-406.
<https://doi.org/10.1590/s0102-79722006000300008>
- Neumann, A. P., & Zordan, E. P. (2013). As reverberações da separação conjugal dos pais no relacionamento entre irmãos. *Pensando famílias*, 17(2), 35-47.
- Nickerson, A. B., & Nagle, R. J. (2005). Parent and peer attachment in late childhood and early adolescence. *The journal of early adolescence*, 25(2), 223-249.
<https://doi.org/10.1177/0272431604274174>

- Nunes-Costa, R. A., Lamela, D. J., & Figueiredo, B. F. (2009). Adaptação psicossocial e saúde física em crianças de pais separados. *Jornal de Pediatria*, 85, 385-396.
<https://doi.org/10.1590/s0021-75572009000500004>
- Nunally, J. C., & Bernstein, I. H. (1978). Psychometric theory.
- Oldham, J. T. (2021). *Divorce, separation and the distribution of property*. Law Journal Press.
- Osório, L. C. (2002). *Casais e famílias: uma visão contemporânea*. Artmed.
- Osório, L. C. (2011). Mediação familiar. *LC Osório & MEP Valle.(2011). Manual de terapia familiar II. Porto Alegre: Artmed.*
- Outeiral, José. (2008). Luto na adolescência: uma abordagem da psicologia de base psicanalítica e da psicologia de base existencial.
- Pallant, J. (2020). *Ebook: SPSS Survival Manual: A Step by Step Guide to Data Analysis using IBM SPSS*. McGraw-Hill Education (UK).
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). Desenvolvimento Humano (8ª edição ed.). *Porto Alegre: Artmed Editora SA.*
- Paxton, R. J., Valois, R. F., & Drane, J. W. (2007). Is there a relationship between family structure and substance use among public middle school students?. *Journal of Child and Family Studies*, 16, 593-605.
- Prado, A. B. (2005). Semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na compreensão do comportamento paterno.
- Prioste, A., Tavares, P., & Magalhães, E. (2019). Typologies of family functioning: From identity development to emotional distress in adolescence and emerging adulthood. *Análise Psicológica*, 37(2), 173-192. <https://doi.org/10.14417/ap.15334>

- Ramires, V. R. R. (2004). As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em estudo*, 9, 183-193. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000200005>
- Ramires, V. R. R. (2014). A paternidade na contemporaneidade. *Novos olhares sobre a família: aspectos psicológicos, sociais e jurídicos*, 27-38.
- Raposo, H. S., Figueiredo, B. F. D. C., Lamela, D. J. P. D. V., Nunes-Costa, R. A., Castro, M. C., & Prego, J. (2011). Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 38, 29-33. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000100007>
- Relvas, A. P. (2014). Introdução. *Avaliação familiar: funcionamento e intervenção*, 1, 9-19. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0839-6>
- Relvas, A. P. (1997). O ciclo vital da família.
- Ricci, I. (2004). Casa da mãe, casa do pai. Construir dois lares para os seus filhos: Um guia para pais separados, divorciados ou que voltaram a casar. *Edições Sílabo*.
- Rinaldi, C. M., & Howe, N. (2003). Perceptions of constructive and destructive conflict within and across family subsystems. *Infant and Child Development: An International Journal of Research and Practice*, 12(5), 441-459. <https://doi.org/10.1002/icd.324>
- Ruiz, W. D., & Yabut, H. J. (2024). Autonomy and identity: the role of two developmental tasks on adolescent's wellbeing. *Frontiers in Psychology*, 15, 1309690. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1309690>
- Santos, E. P., Cruz, D. C. M., de Santana, E. C., Barbosa, L. P., da Cruz Silva, S. Q., Silva, S. R. S., & Barbosa, V. L. (2013). Divórcio dos pais: até que ponto isso interfere negativamente nos filhos que estão em fase de desenvolvimento. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE*, 1(3), 124-134.

- Scaliante, G. (2012). Divórcio Parental, Estress Infantil e Desempenho Escolar: Algumas Reflexões.
- Silber, T. J., & RP, S. (1998). Uso e abuso de drogas na adolescência: o que se deve saber e o que se pode fazer. *Adolesc. Latinoam*, 1(3), 148-162.
- Silveira, L. M. O. B. (2002). O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. *Família em cena: Tramas, dramas e transformações*, 93-112.
- Silvestre, V. M. D. A. (2019). *Vinculação aos Pais e aos Pares, Memórias de Vergonha e Comportamento Antissocial na Adolescência* (Doctoral dissertation).
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: Teoria e investigação das relações de vinculação. *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (in) adaptativas ao longo da vida*, 381-434.
- Soares, I. M. C. (1996). Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe-filho (a).
- Souza, R. M. D. (2000). Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 203-211. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722000000300003>
- Stafford, L. (2003). Communication competencies and sociocultural priorities of middle childhood. In *The Routledge Handbook of Family Communication* (pp. 335-356). Routledge.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent–adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of research on adolescence*, 11(1), 1-19. <https://doi.org/10.1111/1532-7795.00001>
- Stratton, P., Bland, J., Janes, E., & Lask, J. (2010). Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic family and couple therapy:

- the SCORE. *Journal of family therapy*, 32(3), 232-258.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-6427.2010.00507.x>
- Teixeira, C. R. D. C. G. (2020). *Socialização Parental das Emoções na Adolescência: Relação Entre Respostas Parentais e o Ajustamento dos Filhos* (Master's thesis, Universidade de Lisboa (Portugal)).
- Terrone, G., Musetti, A., Raschielli, S., Marino, A., Costrini, P., Mossi, P., ... & Caretti, V. (2018). Attachment relationships and internalization and externalization problems in a group of adolescents with pathological gambling disorder. *Clinical Neuropsychiatry*, 15, 66-74.
- Teubert, D., & Pinquart, M. (2010). The association between coparenting and child adjustment: A meta-analysis. *Parenting: Science and practice*, 10(4), 286-307.
<https://doi.org/10.1080/15295192.2010.492040>
- Tomczak, M., & Tomczak, E. (2014). The need to report effect size estimates revisited. An overview of some recommended measures of effect size.
- Trocmé, N., & Bala, N. (2005). False allegations of abuse and neglect when parents separate. *Child abuse & neglect*, 29(12), 1333-1345.
<https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2004.06.016>
- Tullius, J. M., De Kroon, M. L., Almansa, J., & Reijneveld, S. A. (2022). Adolescents' mental health problems increase after parental divorce, not before, and persist until adulthood: a longitudinal TRAILS study. *European child & adolescent psychiatry*, 31(6), 969-978. <https://doi.org/10.1007/s00787-020-01715-0>
- Valentim de Sousa, D. H. A., & Dias, C. M. D. S. B. (2014). Recasamento: percepções e vivências dos filhos do primeiro casamento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 31, 191-201. <https://doi.org/10.1590/0103-166x2014000200005>

- Wagner, A. (2009). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Artmed Editora.
- Wagner, A. (2005). Família e educação: aspectos relativos a diferentes gerações. *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*, 33-49.
- Wagner, A., Predebon, J., & Falcke, D. (2005). Transgeracionalidade e educação: como se perpetua a família. *Como se perpetua a família*, 93-105.
- Wang, J. C., Kapoor, M., & Goate, A. M. (2012). The genetics of substance dependence. *Annual review of genomics and human genetics*, 13(1), 241-261.
- Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. (2008). Individual differences in infant-caregiver attachment: Conceptual and empirical aspects of security.
- World Health Organization. (2014). *Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO). 1946*.

APÊNDICES

Apêndice A. Informação ao participante e aos pais

A presente investigação insere-se no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade Lusíada de Lisboa, ao realizar um projeto de investigação com o título “Comportamentos de Risco, vinculação e dinâmica familiar”. O objetivo deste estudo é comparar a propensão a comportamentos de risco, em adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos, provenientes de famílias recém-divorciadas e famílias intactas. Procura-se também investigar o impacto da vinculação na propensão a esses comportamentos.

A decisão de participar nesta investigação é totalmente voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem qualquer penalização. Caso decida aceitar, serão recolhidas várias informações da sua vida pessoal, nomeadamente, a nível individual e dinâmica familiar.

A presente Folha de Informação ao Participante e aos Pais ser-lhe-á entregue, devendo lê-la com atenção, colocar questões se as tiver e, de seguida, assiná-la. O mesmo documento deverá ser também assinado pela investigadora e ficará na posse da participante. De seguida, ser-lhe-á apresentado o Consentimento Informado, documento no qual aceita participar na investigação, devendo ser assinado por ambas as partes e que ficará na posse da investigadora.

Durante a aplicação dos protocolos, irá preencher o Questionário Sociodemográfico, a Escala de Indicadores de Dinâmica Familiar, Score-15, Inventário de Vinculação na Adolescência, Assist e o Inventário para a avaliação de violência na escola. O preenchimento dos questionários não deverá ultrapassar duas sessões de 45 minutos e será feito somente numa sessão. Todos os dados recolhidos são anónimos e confidenciais e serão trabalhados estatisticamente a nível colectivo e nunca individual.

Se aceitar participar nesta investigação, por favor, assine este documento e guarde-o para si. Para qualquer questão ou se quiser tomar conhecimento dos resultados globais do

estudo, deverá contactar a investigadora através do endereço de correio eletrónico joanasequeiragcoelho@gmail.com.

Obrigada pelo tempo que despendeu a ler esta informação.

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Nome do pai: _____

Assinatura do pai: _____

Nome da mãe: _____

Assinatura da mãe: _____

Nome da investigadora: _____

Assinatura da investigadora: _____

Data: ____/____/____

Apêndice B. Consentimento informado aos responsáveis legais

No âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade Lusíada de Lisboa, ao realizar um projeto de investigação com o título “Comportamentos de Risco, Vinculação e Dinâmica Familiar na Adolescência”, solicito a sua autorização para a participação do/a menor neste projeto.

Antes de decidir se autoriza a participação neste estudo é importante perceber a sua finalidade. O objetivo deste estudo é comparar a propensão a comportamentos de risco, em adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos, provenientes de famílias recém-divorciadas e famílias intactas. Procura-se também investigar o impacto da vinculação na propensão a esses comportamentos.

Todos os dados recolhidos serão analisados, garantindo o anonimato e confidencialidade dos mesmos. A participação no estudo é voluntária e não acarreta qualquer custo. Com os resultados deste estudo irá ser feita uma Dissertação de Mestrado, que estará disponível mais tarde na Universidade Lusíada de Lisboa.

Declaro que:

a) Li e compreendi a informação presente no documento, tendo-me sido facultada uma cópia desse documento, e dada a oportunidade de colocar todas as questões que considere necessárias;

b) Tenho presente que a participação neste estudo é voluntária, que poderei recusar a participação no mesmo ou, caso pretenda participar, posso desistir em qualquer momento do mesmo, sem qualquer prejuízo;

c) Autorizo o preenchimento individual de questionários;

d) Compreendi que as identidades serão salvaguardadas e as respostas apenas utilizadas para o estudo em questão e o seu uso será feito exclusivamente pela investigadora.

Obrigada pelo tempo que despendeu a ler esta informação e a ponderar a participação neste estudo. Se autorizar o/a menor a participar, deve assinar e datar o Consentimento Informado.

Local e Data: _____,/...../.....

Assinatura do responsável:

Nome do Aluno:

Investigadora:

(Joana Coelho)

Apêndice C. Consentimento informado para os alunos

No âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade Lusíada de Lisboa, ao realizar um projeto de investigação com o título “Comportamentos de Risco, Vinculação e Dinâmica Familiar na Adolescência”, solicito a participação neste projeto.

A colaboração, primeiramente, requer o preenchimento de um questionário sociodemográfico para perceber se cumpre todos os critérios de inclusão para a realização deste estudo, e se cumprir irá responder a outros questionários e escalas de avaliação.

Antes de decidir se quer ou não participar neste estudo é importante perceber a sua finalidade. Assim, o objetivo deste estudo é comparar a propensão a comportamentos de risco, em adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos, provenientes de famílias recém-divorciadas e famílias intactas. Procura-se também investigar o impacto da vinculação na propensão a esses comportamentos.

Todos os dados recolhidos serão analisados, garantindo o anonimato e confidencialidade dos mesmos. A participação no estudo é voluntária e não acarreta qualquer custo.

Com os resultados deste estudo irá ser feita uma Dissertação de Mestrado, que estará disponível mais tarde na Universidade Lusíada de Lisboa.

Declaro que:

a) Li e compreendi a informação presente, tendo-me sido facultada uma cópia desse documento, e dada a oportunidade de colocar todas as questões que considere necessárias;

b) Tenho presente que a participação neste estudo é voluntária, que poderei recusar-me a participar no mesmo ou, caso pretenda participar, posso desistir em qualquer momento do mesmo, sem qualquer prejuízo;

c) Autorizo o preenchimento individual de questionários;

d) Compreendi que as nossas identidades serão salvaguardadas e que as imagens serão apenas utilizadas para o estudo em questão e o seu uso será feito exclusivamente pela equipa de investigadores.

Obrigada pelo tempo que despendeu a ler esta informação e a ponderar a participação neste estudo. Se quer participar no estudo, deve assinar e datar o Consentimento Informado.

Local e Data: _____,/...../.....

Nome do Aluno:

Assinatura do Aluno:

Investigadora:

(Joana Coelho)

Apêndice D. Questionário sociodemográfico

Solicito o preenchimento deste formulário, com muita atenção, respondendo por ordem às questões e com maior sinceridade. Todas as informações são confidenciais e a participação é voluntária. A primeira parte do questionário será respondida pelo aluno individualmente e a segunda parte pelos pais.

1ª Parte

Identificação Pessoal

Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

Idade: _____ anos

Nacionalidade: _____

Concelho de nascimento: _____

Zona de Residência: _____

Tens ou já tiveste acompanhamento psicológico?

Tenho atualmente ☐ Tive no passado ☐ Nunca ☐

Se a tua resposta anterior foi tenho atualmente ou tive no passado, qual o motivo?

O que costumás fazer nos teus tempos livres (selecciona as opções que mais te identificas):

Ler ☐

Ir ao cinema ☐

Ouvir música e ir a concertos ☐

Fazer desporto ☐

Visitar museus, exposições e galerias de arte ☐

Estar com os amigos ☐

Estar com a família ☐

Estar no computador, internet e redes sociais ☐

Com que frequência acedes à internet por dia?

Menos de 1h ☐ 1h ☐ 1h-2h ☐ 2h-3h ☐ 3h-4h ☐ Mais de 4h ☐

Para que acedes à internet?

Pesquisa ☐

Compras/Vendas ☐

Redes Sociais ☐

Videochamada ☐

Email ☐

Música ☐

Aulas de desporto online ☐

Podcasts ☐

Outro: _____

Ver televisão, series, documentários ☐

Desenhar, pintar, fotografar, entre outras artes ☐

Dançar ☐

Voluntariado ☐

Escuteiros ☐

Passear ao ar livre, jardins, parques, praia ☐

Explorar o local onde vives ☐

Estar sozinho/a ☐

Conhecer sítios novos ☐

Sair à noite com amigos/as ☐

Outro ☐

Quais os teus maiores interesses:

Artes ☐

Saúde ☐

Política ☐

Desporto ☐

Ciência ☐

Literatura ☐

História e geografia ☐

Tecnologias e informação ☐

Outro (s) _____

Com quem passas mais tempo?

Pais e irmãos/irmãs ☐

Avós ☐

Tios/as ☐

Vizinhos/as ☐

Professores/as ☐

Amigos/as ☐

Colegas de escola ☐

Outro (s) _____

Identificação Escolar

Ano de escolaridade: 7º ano ☐ 8º ano ☐ 9º ano ☐

Estabelecimento de ensino: _____

Já alguma vez reprovou? Sim ☐ Não ☐ Quantas vezes? ____ Quando (idade)? ____

Identificação Familiar

Tens irmãos/irmãs: Não ☐ Sim ☐ Quantos/as? _____ Idades: _____

Com quantas pessoas moras? _____

Com quem moras a maioria do tempo (podes seleccionar mais do que uma opção)?

Pai ☐ Mãe ☐ Irmãos/Irmãs ☐ Avô ☐ Avó ☐

Companheiro/a pai ☐ Companheiro/a mãe ☐ Outro: _____

Mãe:

Idade: _____

Nacionalidade: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Situação profissional: Empregada ☐ Desempregada ☐

Estado Civil:

Solteira ☐ União de facto ☐

Casada ☐ Divorciada ☐

Pai:

Idade: _____

Nacionalidade: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Situação profissional: Empregado ☐ Desempregado ☐

Estado Civil:

Solteiro ☐ União de facto ☐

Casado ☐ Divorciado ☐

Relação entre pai e mãe:

Casados ☐ União de facto ☐

Divorciados ☐ Viúvo ☐

Tipo de Família:

Família Intacta ☐ Família Divorciada ☐

Preencher só no caso de fazer parte de uma família divorciada/separada

Tipo de guarda parental:

Guarda Partilhada (ambos os progenitores exercem responsabilidades parentais) ☐

Guarda Exclusiva (a guarda dos filhos fica à responsabilidade apenas de um dos pais) ☐

Quanto tempo estiveram juntos? _____

Há quanto tempo foi o divorcio? _____

Motivação para o divorcio?

Durante o tempo que estiveram juntos existiram momentos de separação?

Sim ☐ Não ☐

O divorcio foi litigioso?

Sim ☐ Não ☐

Conflitos frequentes durante o casamento?

Sim ☐ Não ☐

Conflitos frequentes durante o divorcio?

Sim ☐ Não ☐

Conflitos frequentes pós divorcio?

Sim ☐ Não ☐

2ª Parte

Consumo de substâncias por parte dos pais

Mãe:

Neste momento consome algum tipo de substâncias?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, quais?

Álcool ☐ Nicotina ☐ Medicamentos sem prescrição ☐

Anorexigénios ☐ Anabolizantes ☐ Cafeína ☐

Maconha ☐ Cocaína ☐ Crack ☐ Exstasy ☐

LSD ☐ Injetáveis ☐ Outro: _____

Antecedentes de uso de substâncias?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, quais?

Álcool ☐ Nicotina ☐ Medicamentos sem prescrição ☐

Anorexigénios ☐ Anabolizantes ☐ Cafeína ☐

Maconha ☐ Cocaína ☐ Crack ☐ Exstasy ☐

LSD ☐ Injetáveis ☐ Outro: _____

Pai:

Neste momento consome algum tipo de substâncias?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, quais?

Álcool ☐ Nicotina ☐ Medicamentos sem prescrição ☐

Anorexigénios ☐ Anabolizantes ☐ Cafeína ☐

Maconha ☐ Cocaína ☐ Crack ☐ Exstasy ☐

LSD ☐ Injetáveis ☐ Outro: _____

Antecedentes de uso de substâncias?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, quais?

Álcool ☐ Nicotina ☐ Medicamentos sem prescrição ☐

Anorexigénios ☐ Anabolizantes ☐ Cafeína ☐

Maconha ☐ Cocaína ☐ Crack ☐ Exstasy ☐

LSD ☐ Injetáveis ☐ Outro: _____

ANEXOS

ANEXO A. Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (Score-15)

Gostaria que comentasse de que forma vê a sua família nestes momentos.

Quando se fala de família, referimo-nos, normalmente, as pessoas com quem vive.

Para cada afirmação tem de seleccionar com um X, na escala de 1 a 5, o que sente em relação aquela frase.

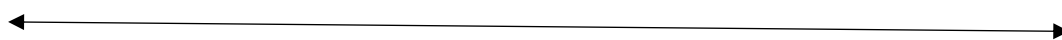
Diria que a afirmação descreve a sua família:	1. Descreve-nos muito bem	2. Descreve-nos bem	3. Descreve-nos em parte	4. Não nos descreve muito bem	5. Não nos descreve em absoluto
1) Na minha família falamos das coisas que nos importam.					
2) Na minha família, muitas vezes, não dizemos a verdade.					
3) Na minha família, ouvimo-nos a todos.					
4) Na nossa família, discordar é arriscado.					
5) Temos dificuldade em lidar com os problemas do dia a dia.					
6) Confiamos uns nos outros.					
7) Na nossa família, uma pessoa sente-se miserável.					
8) Quando as pessoas da minha família ficam com raiva, ignoram-se de propósito.					
9) Parece que passamos de crise em crise.					

10) Quando um de nos esta preocupado/chateado, a família cuida dele.					
11) As coisas parecem sempre erradas na minha família.					
12) Somos hostis/desagradáveis uns com os outros.					
13) Os membros da minha família intrometem-se demasiado na vida uns dos outros.					
14) Culpamos uns aos outros quando as coisas dão errado.					
15) Somos eficazes em encontrar novas maneiras de lidar com questões difíceis.					

Que palavras descrevem melhor a sua família?

Marque a sua resposta na linha, de 0-10.

Como admiras a tua família?



0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Tudo bem

Muito mau

Obrigada pelo tempo dispensado

ANEXO B. Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe (QVPM)

Sujeito: _____

Data: ____/____/____

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) as respostas que melhor exprimem o modo como se sente com **cada um** dos seus pais. Responda em colunas separadas para o **pai** e para a **mãe**, tendo em conta as seis alternativas que se seguem:

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

	PAI						MÃE					
1. Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
2. Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
3. É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
4. Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
6. Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
7. Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
8. Os meus pais conhecem-me bem.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
9. Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
10. Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
11. Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
12. Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6

	PAI						MÃE					
13. Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
14. Em muitas coisas eu admiro os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
15. Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
16. Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
18. Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
19. Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
20. Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
21. Faço tudo para agradar aos meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
22. Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
23. Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
24. Tenho medo de ficar sozinho(a) se um dia perder os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
25. Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
26. Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
27. Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio(a).	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
28. Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
29. Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
30. Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6

ANEXO C. Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA)

COMPA - Versão Filhos 12-16 anos (em relação ao PAI)



Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade
(A. Portugal & I. Alberto, 2010)

No dia-a-dia das famílias, pais e filhos vão comunicando entre si. Este questionário serve para saber qual é a tua opinião sobre a forma como **comunicas com o teu PAI**.

De seguida encontrarás algumas frases sobre a comunicação entre pais e filhos e terás de marcar com um **X** a opção que mais se aproxima da tua opinião, isto é, deves indicar se cada afirmação acontece Nunca, Raramente, Às vezes, Muitas vezes ou Sempre, quando comunicas com o teu pai.

É importante que respondas a tudo! Como é um questionário de opinião, **não existem respostas certas nem respostas erradas**.

As opções de resposta são:

1: Isto **Nunca** acontece

2: Isto **Raramente** acontece

3: Isto acontece **Às vezes**

4: Isto acontece **Muitas vezes**

5: Isto acontece **Sempre**

Exemplo	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
O meu pai dá-me chocolates				X	

(Por exemplo, se achares que a afirmação “O meu pai dá-me chocolates” acontece Muitas vezes então deves assinalar com o X a opção 4).

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
1. Sinto-me bem com as conversas que tenho com o meu pai.					
2. Converso com o meu pai sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia-a-dia.					
3. Converso com o meu pai quando me sinto aborrecido/a.					
4. Eu e o meu pai procuramos a melhor maneira para resolver os nossos problemas.					

5. Eu e o meu pai ficamos chateados um com o outro.					
6. Minto ao meu pai.					
7. Converso com o meu pai sobre os meus problemas.					
8. Quando converso com o meu pai digo o que penso sem me sentir envergonhado/a.					
9. O meu pai conta-me histórias de quando tinha a minha idade e de como foi educado.					
10. Posso confiar no meu pai e contar-lhe os meus problemas.					
11. O meu pai compreende os meus problemas e as minhas preocupações.					
12. O meu pai diz-me o que é certo e errado.					
13. O meu pai dá-me atenção e é carinhoso comigo.					
14. O meu pai gosta de me fazer surpresas.					
15. Quando falo com o meu pai ele ouve-me e dá-me atenção.					
16. O meu pai tenta compreender aquilo que eu digo.					
17. O meu pai preocupa-se com o que eu sinto.					
18. Quando preciso de conversar com o meu pai, ele mostra-se atento para me ouvir e falar.					
19. O meu pai explica-me porque me diz NÃO às coisas que eu peço.					
20. O meu pai gosta de conversar comigo.					
21. Quando faço perguntas ao meu pai ele é sincero e claro na forma como responde.					
22. Costumo respeitar e estar de acordo com as regras que o meu pai me dá.					
23. Gosto de dar beijos e de abraçar o meu pai.					
24. O meu pai explica-me o que sente quando está aborrecido ou zangado comigo.					

25. Sinto que o meu pai conversa comigo de maneira a que eu entenda o que ele está a dizer.					
26. Quando tenho algum problema prefiro não contar ao meu pai.					
27. Quando não percebo o que o meu pai me está a dizer, digo-lhe, e ele tenta explicar-se melhor.					
28. Entendo o que o meu pai me quer dizer.					
29. O meu pai diz-me que gosta de mim.					

30. Quando tenho alguma dúvida ou preocupação (por exemplo, sobre violência, doenças, amigos, sexualidade ...) converso com o meu pai.					
31. Procuro alegrar o meu pai quando ele está mais em baixo e/ou triste.					
32. Quando eu e o meu pai discutimos, costumo ouvi-lo até ao fim.					
33. É fácil para mim dizer ao meu pai aquilo que sinto.					
34. Converso mais com o meu pai do que com qualquer outra pessoa.					
35. Sei que posso conversar com o meu pai sobre o que eu quiser e ele sabe que também pode contar comigo para o apoiar.					
36. Quando faço alguma coisa errada digo-o ao meu pai sem medo.					
37. O meu pai conversa comigo sobre aquilo que ele espera que eu venha a ser.					
38. Tenho dificuldade em acreditar no que o meu pai me diz.					
39. O meu pai sabe que também pode contar comigo para o apoiar.					

COMPA - Versão Filhos 12-16 anos (em relação à MÃE)



Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade
(A. Portugal & I. Alberto, 2010)

No dia-a-dia das famílias, pais e filhos vão comunicando entre si. Este questionário serve para saber qual é a tua opinião sobre a forma como **comunicas com a tua MÃE**.

De seguida encontrarás algumas frases sobre a comunicação entre pais e filhos e terás de marcar com um **X** a opção que mais se aproxima da tua opinião, isto é, deves indicar se cada afirmação acontece Nunca, Raramente, Às vezes, Muitas vezes ou Sempre, quando comunicas com a tua mãe. É importante que respondas a tudo! Como é um questionário de opinião, **não existem respostas certas nem respostas erradas**.

As opções de resposta são:

- 1: Isto **Nunca** acontece
- 2: Isto **Raramente** acontece
- 3: Isto acontece **Às vezes**
- 4: Isto acontece **Muitas vezes**
- 5: Isto acontece **Sempre**

Exemplo	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
A minha mãe dá-me chocolates				X	

(Por exemplo, se achares que a afirmação “A minha mãe dá-me chocolates” acontece Muitas vezes então deves assinalar com o X a opção 4).

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às Vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
1. Sinto-me bem com as conversas que tenho com a minha mãe.					
2. Converso com a minha mãe sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia-a-dia.					
3. Converso com a minha mãe quando me sinto aborrecido/a.					
4. Eu e a minha mãe procuramos a melhor maneira para resolver os nossos problemas.					

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
5. Eu e a minha mãe ficamos chateados um(a) com o(a) outro(a).					
6. Minto à minha mãe					
7. Converso com a minha mãe sobre os meus problemas.					
8. Quando converso com a minha mãe digo o que penso sem me sentir envergonhado/a.					
9. A minha mãe conta-me histórias de quando tinha a minha idade e de como foi educada.					
10. Posso confiar na minha mãe e contar-lhe os meus problemas.					
11. A minha mãe compreende os meus problemas e as minhas preocupações.					
12. A minha mãe diz-me o que é certo e errado.					
13. A minha mãe dá-me atenção e é carinhosa comigo.					
14. A minha mãe gosta de me fazer surpresas.					
15. Quando falo com a minha mãe ela ouve-me e dá-me atenção.					
16. A minha mãe tenta compreender aquilo que eu digo.					
17. A minha mãe preocupa-se com o que eu sinto.					
18. Quando preciso de conversar com a minha mãe, ela mostra-se atenta para me ouvir e falar.					
19. A minha mãe explica-me porque me diz NÃO às coisas que eu peço.					
20. A minha mãe gosta de conversar comigo.					
21. Quando faço perguntas à minha mãe ela é sincera e clara na forma como responde.					
22. Costumo respeitar e estar de acordo com as regras que a minha mãe me dá.					
23. Gosto de dar beijos e de abraçar a minha mãe.					
24. A minha mãe explica-me o que sente quando está aborrecida ou zangada comigo.					

25. Sinto que a minha mãe conversa comigo de maneira a que eu entenda o que ela está a dizer.					
26. Quando tenho algum problema prefiro não contar à minha mãe.					
27. Quando não percebo o que a minha mãe me está a dizer, digo-lhe, e ela tenta explicar-se melhor.					
28. Entendo o que a minha mãe me quer dizer.					

29. A minha mãe diz-me que gosto de mim.					
30. Quando tenho alguma dúvida ou preocupação (por exemplo, sobre violência, doenças, amigos, sexualidade ...) converso com a minha mãe.					
31. Procuro alegrar a minha mãe quando ela está mais em baixo e/ou triste.					
32. Quando eu e a minha mãe discutimos, costumo ouvi-la até ao fim.					
33. É fácil para mim dizer à minha mãe aquilo que sinto.					
34. Converso mais com a minha mãe do que com qualquer outra pessoa.					
35. Sei que posso conversar com a minha mãe sobre o que eu quiser e ela sabe que também pode contar comigo para a apoiar.					
36. Quando faço alguma coisa errada digo-o à minha mãe sem medo.					
37. A minha mãe conversa comigo sobre aquilo que ela espera que eu venha a ser.					
38. Tenho dificuldade em acreditar no que a minha mãe me diz.					
39. A minha mãe sabe que também pode contar comigo para a apoiar.					

ANEXO D. Assist

Alcohol Smoking and Substance Involvement Screening Test – ASSIST – Teste para triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas

1 – Na sua vida, qual (is) dessas substâncias você já usou? (SOMENTE USO NÃO-MÉDICO)	NÃO	SIM
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermouths...)	0	1
c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)	0	1
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, tinta, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)	0	1
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol).	0	1
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1
i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1
j. Outras, Especificar: _____	0	1

2 – Durante os três últimos meses, com que frequência você utilizou essa(s) substância(s) que mencionou? (Primeira droga, depois a segunda droga, etc)	Nunca	1 ou 2 vezes	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente ou quase todo dia
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1	2	3	4
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermouths...)	0	1	2	3	4
c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)	0	1	2	3	4
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1	2	3	4
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1	2	3	4
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, tinta, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)	0	1	2	3	4
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol).	0	1	2	3	4
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1	2	3	4
i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1	2	3	4
j. Outras, Especificar: _____	0	1	2	3	4

3 – Durante os três últimos meses, com que frequência você teve um forte desejo ou urgência em consumir? (Primeira droga, depois a segunda droga, etc)	Nunca	1 ou 2 vezes	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente ou quase todo dia
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1	2	3	4
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermouths...)	0	1	2	3	4
c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)	0	1	2	3	4
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1	2	3	4
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1	2	3	4
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, tinta, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)	0	1	2	3	4
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol).	0	1	2	3	4
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1	2	3	4
i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1	2	3	4
j. Outras, Especificar: _____	0	1	2	3	4

4 – Durante os três últimos meses, com que frequência o seu consumo de (Primeira droga, depois a segunda droga, etc) resultou em problema de saúde, social, legal ou financeiro?	Nunca	1 ou 2 vezes	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente ou quase todo dia
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1	2	3	4
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermouths...)	0	1	2	3	4
c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)	0	1	2	3	4
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1	2	3	4
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1	2	3	4
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, tinta, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)	0	1	2	3	4
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol).	0	1	2	3	4
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1	2	3	4
i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1	2	3	4
j. Outras, Especificar: _____	0	1	2	3	4

Alcohol Smoking and Substance Involvement Screening Test – ASSIST - Teste para triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas

5 – Durante os três últimos meses, com que frequência por causa do seu uso de (Primeira droga, depois a segunda droga, etc) você deixou de fazer coisas que eram normalmente esperadas por você?	Nunca	1 ou 2 vezes	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente ou quase todo dia
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1	2	3	4
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermouths...)	0	1	2	3	4
c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)	0	1	2	3	4
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1	2	3	4
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1	2	3	4
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, tinta, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)	0	1	2	3	4
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol...)	0	1	2	3	4
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1	2	3	4
i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1	2	3	4
j. Outras, Especificar: _____	0	1	2	3	4

6 – Há amigos, parentes ou outra pessoa que tenha demonstrado preocupação com seu uso de (Primeira droga, depois a segunda droga, etc)?	NÃO, nunca	SIM, mas não nos últimos 3 meses	SIM, nos últimos 3 meses
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1	2
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermouths...)	0	1	2
c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)	0	1	2
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1	2
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1	2
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, tinta, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)	0	1	2
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol...)	0	1	2
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1	2
i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1	2
j. Outras, Especificar: _____	0	1	2

7 – Alguma vez você já tentou controlar, diminuir ou parar o uso de (Primeira droga, depois a segunda droga, etc)?	NÃO, nunca	SIM, mas não nos últimos 3 meses	SIM, nos últimos 3 meses
a. Derivados do tabaco (cigarros, charuto, cachimbo, fumo de corda...)	0	1	2
b. Bebidas alcoólicas (cerveja, vinho, destilados como pinga, uísque, vodka, vermouths...)	0	1	2
c. Maconha (baseado, erva, haxixe...)	0	1	2
d. Cocaína, crack (pó, pedra, branquinha, nuvem...)	0	1	2
e. Estimulantes como anfetaminas ou ecstasy (bolinhas, rebites...)	0	1	2
f. Inalantes (cola de sapateiro, cheirinho-da-loló, tinta, gasolina, éter, lança-perfume, benzina...)	0	1	2
g. Hipnóticos/sedativos (remédios para dormir: diazepam, lorazepam, lorax, dienpax, rohypnol...)	0	1	2
h. Drogas alucinógenas (como LSD, ácido, chá-de-lírio, cogumelos...)	0	1	2
i. Opióides (heroína, morfina, metadona, codeína...)	0	1	2
j. Outras, Especificar: _____	0	1	2

8 – Alguma vez você já usou drogas por injeção? (Apenas uso não-médico)?	NÃO, nunca	SIM, mas não nos últimos 3 meses	SIM, nos últimos 3 meses
	0	1	2

ANEXO E. Cópia do pedido de autorização para a utilização dos instrumentos



Joana Coelho

Pedido de Autorização para...

Para: e mais 2

Ontem, 15:41

[Detalhes](#)

Exmos. Srs.,

O meu nome é Joana Coelho e no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica estou a realizar uma tese de Mestrado intitulada "Comportamentos de Risco, Vinculação e Dinâmica Familiar na Adolescência", na Universidade Lusíada de Lisboa.

Gostaria de solicitar a sua autorização para utilizar o seguinte instrumento de pesquisa no meu estudo:

Assist.

Acredito que a inclusão deste instrumento será de extrema importância para a recolha de dados e análise dos resultados, contribuindo significativamente para o avanço do conhecimento nesta área específica. Comprometo-me a utilizar os instrumentos de acordo com os devidos protocolos e a respeitar a confidencialidade e o anonimato dos participantes.

Agradeço que, caso se aplique, me informe sobre quaisquer condições, restrições ou requisitos específicos para a utilização dos instrumentos e como devo citar corretamente seu trabalho.

Agradeço antecipadamente a sua atenção e consideração. Estou à disposição para qualquer informação adicional que possa precisar.

Atenciosamente,

Joana Sequeira Gomes Coelho



Sandra Cristina Andrade T...

Re: Pedido de Autorização...

Para: e mais 3

12:03

[Detalhes](#)

Cara Joana,

Agradecemos o seu email e o interesse em utilizar o ASSIST.

ANEXO F. Autorização comissão de ética



Comissão de Ética para a Investigação da Universidade Lusíada

Parecer

Referência:	UL/CE/CIPD/2419
Requerente:	Dra. Joana Sequeira Gomes Coelho
Assunto:	Pedido de apreciação sobre o protocolo de investigação
Tipo:	Projeto de Dissertação de Mestrado
Título:	Comportamentos de risco, Vinculação e Dinâmica Familiar na Adolescência
Estudante:	Dra. Joana Sequeira Gomes Coelho
Orientador:	Prof.ª Doutora Joana Gonçalves Lopes
Parecer da Comissão:	Positivo, em concordância com os termos descritos no parecer da Consultora designada, na reunião da Comissão de Ética para a Investigação da Universidade Lusíada, do dia 25 de março de 2024.
Consultor designado:	Prof.ª Doutora Rita Alexandra Rosa Antunes

A Comissão de Ética para a Investigação da Universidade Lusíada recebeu o pedido de parecer em relação à realização do estudo “Comportamentos de risco, Vinculação e Dinâmica Familiar na Adolescência”, a desenvolver no âmbito da dissertação do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Lusíada, *campus* de Lisboa, pela estudante **Dra. Joana Sequeira Gomes Coelho**, sob orientação da **Prof.ª Doutora Joana Gonçalves Lopes**.

Na sua reunião do dia **25 de março de 2024** a Comissão de Ética para a Investigação da Universidade Lusíada deliberou dar **parecer positivo** à realização deste estudo, em concordância com os termos descritos no parecer da Consultora designada, com a referência **UL/CE/CIPD/2419**.

O parecer emitido pela Comissão de Ética para a Investigação da Universidade Lusíada refere-se aos termos e condições descritas no processo objeto do parecer. Alterações a esses termos e condições deverão ser comunicados à Comissão de Ética para a Investigação da Universidade Lusíada, explicitando as eventuais alterações. A Comissão de Ética para a Investigação da Universidade Lusíada solicita uma cópia eletrónica do documento descritivo dos resultados do projeto (ex. relatório final).

O Presidente da Comissão de Ética para a Investigação da Universidade Lusíada

(Professor Doutor Afonso d' Oliveira Martins)



ILID - Instituto Lusíada de Investigação e Desenvolvimento
Rua do Junqueira, 188-198 | 1349-001 Lisboa | t.: +351 213 611 390
e.: ilid.ana.ppt@is.ulusiada.pt | w.: www.ulusiada.pt

